

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA

EVANDRO FERREIRA SIMÃO

**O ENSINO DOS JOGOS DE INVASÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE
UMA PROFESSORA INOVADORA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

São Carlos – SP

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA

**O ENSINO DOS JOGOS DE INVASÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE
UMA PROFESSORA INOVADORA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

EVANDRO FERREIRA SIMÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos, como pré-requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior

Coorientador: Mdo. Leonardo Sampaio de Souza

São Carlos- SP

2025

Ficha Catalográfica

Simão, Evandro Ferreira

O ENSINO DOS JOGOS DE INVASÃO NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DE UMA PROFESSORA
INOVADORA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL / Evandro Ferreira Simão -- 2025.
91f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Osmar Moreira de Souza Júnior

Banca Examinadora: Douglas Aparecido de Campos,

Tiago Aparecido Nardon

Bibliografia

1. Jogos de Invasão. 2. Educação Física Escolar. 3.
Prática Docente Inovadora. I. Simão, Evandro Ferreira.
II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana

-
-

Folha de aprovação

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa da Monografia do candidato Evandro Ferreira Simão, realizada em 12/12/2025:

Prof. Dr. Douglas Aparecido de Campos
Instituição: Departamento de Metodologia de Ensino (DME-UFSCar).

Prof. Me. Tiago Aparecido Nardon
Instituição: Rede Municipal de Educação de Porto Ferreira.

RESUMO

Os esportes coletivos, na perspectiva de fenômeno sociocultural, frequentemente enfrentam o desafio da escassez de planejamento docente e da falta de inclusão na Educação Física escolar, o que é caracterizado como práticas de “abandono docente” ou “rola bola”. Desse modo, colocamos como questão de pesquisa: Como os Jogos de Invasão são planejados e ensinados nas aulas de Educação Física por uma professora de práticas inovadoras? Assim, o objetivo geral foi compreender a prática pedagógica de uma professora de Educação Física inovadora no ensino dos Jogos de Invasão. Especificamente objetivamos identificar e analisar quais processos educativos emergem do planejamento de ensino da professora de Educação Física nos jogos de invasão. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, optando pelo Estudo de Caso para a compreensão das práticas pedagógicas citadas. Como instrumentos para a coleta de dados foram utilizadas a entrevista semiestruturada e notas de campo. Com isso, foram observadas 7 aulas do conteúdo de jogos de invasão em três turmas do 4º ano do Ensino Fundamental de uma Escola da Rede Pública da cidade de São Carlos – SP. Para a análise dos dados utilizamos do método de Categoria de Codificação. Os resultados e discussão do presente estudo constataram que o conceito de “professora inovadora” foi compreendido a partir dos processos educativos. Ou seja, sua prática se mostrou diferente ao superar o método “rola bola”, apresentando uma prática pedagógica planejada e com objetividade contando com a metodologia do jogo como estratégia de ensino. Sua inovação como docente se baseou na diversificação do conteúdo, permitindo que seu processo de ensino-aprendizagem fosse além dos esportes tradicionais, mostrando aos/as alunos/as que há outros esportes de invasão menos conhecidos no cotidiano, mas que são possíveis de serem jogados na escola e fora dela. Pode-se concluir, que os processos educativos relatados na diversificação e adaptação, firmam um modelo eficiente para a ascensão da inclusão, do engajamento e o desenvolvimento como um todo dos/as alunos/as no ambiente da Educação Física escolar.

Palavras-Chaves: Jogos de Invasão, Ensino Fundamental, Prática Pedagógica, Educação Física Escolar, Prática Docente Inovadora.

ABSTRACT

Team sports, from a sociocultural perspective, often face the challenge of insufficient teacher planning and a lack of inclusion in school Physical Education, where they are characterized as practices of "teacher abandonment" or "just rolling the ball around." Therefore, we posed the following research question: How are Invasion Games planned and taught in Physical Education classes by a teacher with innovative practices? Thus, the general objective was to understand the pedagogical practice of an innovative Physical Education teacher in teaching Invasion Games. Specifically, we aimed to identify and analyze which educational processes emerge from the Physical Education teacher's lesson planning in invasion games. The research adopted a qualitative approach, opting for a case study to understand the aforementioned pedagogical practices. Semi-structured interviews and field notes were used as data collection instruments. Seven classes on invasion games were observed in three 4th-grade classes at a public school in the city of São Carlos, SP. For data analysis, we used the Category Coding method. The results and discussion of this study showed that the concept of "innovative teacher" was understood from the educational processes. That is, her practice proved to be different by going beyond the "roll the ball" method, presenting a planned and objective pedagogical practice using the game methodology as a teaching strategy. Her innovation as a teacher was based on the diversification of content, allowing her teaching-learning process to go beyond traditional sports, showing students that there are other invasion sports less known in everyday life, but which can be played in and out of school. It can be concluded that the educational processes reported in diversification and adaptation establish an efficient model for the rise of inclusion, engagement, and the overall development of students in the school Physical Education environment.

Keywords: Invasion Games, Elementary Education, Pedagogical Practice, School Physical Education, Innovative Teaching Practice.

Lista de Quadros

Quadro 1: Dissertações coletadas na BDTD entre os anos 2020-2024.....	04
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	4
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	9
3.1 OS JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS.....	9
3.2 O ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	12
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	20
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	23
5.1. O surgimento da tática-cognitiva e técnica nos jogos de invasão.....	23
5.2. O ensino dos esportes de invasão na Educação Física Escolar a partir do método do jogo.....	28
5.3. Os procedimentos didático-pedagógicos de uma professora com perspectivas inovadoras.....	34
6. CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	46
APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	49
APÊNDICE C – DIÁRIOS DE CAMPO.....	50
APÊNDICE D – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	84

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como motivação pessoal a experiência que vivenciei como aluno no meu período escolar. Durante minha fase como estudante na Educação Básica, observei vários casos de estudantes sendo excluídos/as das práticas de Educação Física, pois não havia um planejamento de conteúdo a ser seguido pelo/a professor/a, causando situações em que alguns alunos/as ficavam “livres” e excluídos durante as aulas, pelo fato de que grupos de alunos/as escolhiam o que seria realizado naquele tempo disponível na quadra e quem iria participar.

Desse modo, com base na vivência relatada busquei me informar melhor dentro da graduação com a ajuda das disciplinas do curso e alguns fatores como, a necessidade e o modo de planejamento de um/a professor/a, o significado de didática e qual sua importância para um/a docente, a relação interpessoal no cotidiano pedagógico, dentre outros. Logo, passando os semestres e compreendo de forma básica a prática pedagógica de um/uma professor/professora, entrei em contato com um docente do curso e convidei o mesmo para ser meu orientador de Monografia que, aceitando, sugeriu também a coorientação de um estudante da Pós-Graduação em Educação que estuda com ele temas relacionados à área esportiva e da educação, aceitei sua proposta, pois colabora com a pesquisa e com meu aprendizado.

O primeiro tema pensado era em algo relacionado ao futebol e seus métodos de ensino, mas como a modalidade não se aplica em um conteúdo específico na BNCC e no Currículo Paulista, haveria maior dificuldade em fechar um tema apenas no futebol. Com isso, parti para uma segunda proposta de pesquisa e após ter entrado em contato com uma professora de Educação Física da rede pública, foi decidido que o tema teria como base a análise da prática pedagógica desta docente, mais precisamente a forma como ela tematiza os esportes e/ou jogos de invasão com suas turmas do Ensino Fundamental.

Na busca pela compreensão das práticas pedagógicas da professora recorri a estudos que abordam a prática docente na Educação Física. Em um estudo, González (2020) explica o conceito de “atuações docentes” voltado para os/as professores/professoras de Educação Física Escolar, partindo de três categorias, caracterizadas como: (1) práticas tradicionais, (2) o abandono do trabalho docente e (3) práticas inovadoras. Na primeira categoria “práticas tradicionais” são compreendidas como um método de trabalho que centraliza o ensino do esporte em uma perspectiva tecnicista, enfatizando o esporte de rendimento, e/ou a aptidão física com base na saúde orgânica, buscando preparar equipes de competições escolares e deixando de lado a apresentação das modalidades para que os/as alunos/alunas usufruam da

sua prática no tempo livre. A segunda categoria, “abandono do trabalho docente” ou “desinvestimento pedagógico”, é estruturada no formato de uma aula popularmente conhecida como “rola bola”, em que é escassa a intervenção pedagógica do profissional durante a aula, causando situações em que os/as alunos/as escolhem a atividade que será realizada na aula, resultando nas divisões de grupos em duas possíveis modalidades, sendo que os meninos vão jogar “bola” (futebol) e as meninas, voleibol, ou até mesmo cede um tempo para que fiquem sentados/as “mexendo” em seus celulares. E por último, as “práticas inovadoras”, são caracterizadas pelos docentes que se esforçam para ensinar os conteúdos específicos da disciplina, contrariando o “abandono” e o “tecnicismo”, assim, dirigindo-se a uma Educação Física catalogada em princípios de um componente curricular (González, 2020).

Pensar o esporte no âmbito da Educação Física escolar é compreendê-lo, a partir de suas especificidades pedagógicas, dentro da cultura corporal do movimento. Essa perspectiva busca o rompimento da visão excessivamente biológica do corpo e do movimento humano, obtida pela Educação Física de matriz biodinâmica. Assim, a Educação Física não pode ser justificada apenas pela existência do corpo (corporeidade) e do movimento (movimentalidade), mas, de uma visão mais ampla visando as manifestações da cultura corporal de movimento (González *et al.*, 2014).

Desse modo, falaremos do contexto principal deste estudo, que são os jogos de invasão, os quais estabelecem interfaces com os esportes coletivos. Os esportes coletivos são considerados como um fenômeno sociocultural de alta relevância na atualidade, sendo presença garantida na vida da sociedade de diversas formas de manifestação, como a prática profissional por atletas, a iniciação esportiva em locais públicos (praças ou quadras) ou em clubes, em centros de reabilitação, como formato de lazer etc. (Galatti, 2008).

Paes (2002, *apud* Galatti 2008) contextualiza o fenômeno com base em dois referenciais em que são os fatores técnicos-táticos e os socioeducativos, ou seja:

Para estruturar metodologicamente a pedagogia visando ao ensino dos jogos coletivos é preciso ter o conhecimento (...) promovendo intervenções com graus crescentes de dificuldade. Entretanto, para efetivamente estruturar uma pedagogia do esporte, com o objetivo de contribuir com o processo educacional (...), é preciso avançar em outra direção. Nesse contexto, o referencial socio-educativo constitui-se um ponto sustentador (...) esse referencial será contemplado na medida em que, além do enfoque técnico-tático, importante na pedagogia do esporte, também se levará em conta princípios indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade da criança e do jovem. Destacam-se: cooperação, participação, convivência, emancipação e co-educação (p.400).

Com isso, é necessário considerar-se as necessidades e vontades dos/as alunos/as no contexto das aulas que serão ministradas. Desse modo, o ensino do esporte na escola deve adequar-se à criança e não a criança se adequar ao esporte que está sendo proposto, na qual o planejamento didático e a organização das estratégias e procedimentos pedagógicos seguirão as necessidades da infância, em que se correspondem ao lúdico, autenticidade e a competência de adaptação de novos conteúdos (Galatti, 2008).

Por isso, é de suma importância a compreensão do ensino dos esportes coletivos, nos quais os esportes de invasão estão inseridos, pois, segundo Bayer (1994), existem seis invariantes presentes nas modalidades coletivas, que são, uma bola (ou algum objeto semelhante que seja apto para sua utilidade), um espaço para que ocorra o jogo, pessoas que ao se agruparem formam uma equipe parceira, adversários, um alvo para atacar e um alvo para defender, e regras específicas (Bayer, 1994). Além destas invariantes, outro princípio pedagógico importante a ser considerado, diz respeito à semelhança no ensino partindo do ponto de vista dos princípios operacionais, divididos em dois grupos: Ataque e Defesa. Esses princípios operacionais são ao todo seis, sendo o Ataque composto por: conservação da manutenção da posse de bola coletivamente ou individualmente, progressão ao ataque buscando o alvo adversário e a finalização da jogada, para realizar a pontuação. Na Defesa os princípios são: recuperação da bola, impedir a progressão de ataque da equipe adversária em posse de bola em sentido ao seu alvo e proteção do alvo impedindo a finalização da jogada da equipe adversária (Bayer, 1994).

Além disso, para a operacionalização destes princípios, são enfatizadas as regras de ação, que correspondem aos meios de gestão essenciais para alcançar êxito dos princípios operacionais. Os Jogos de Invasão são práticas que representam os esportes que condizem com a presença de duas equipes que irão se enfrentar e para que ocorra a pontuação necessitam invadir o campo adversário e acertar o respectivo alvo presente, como por exemplo, no basquete é a presença da cesta com tabela, e no futsal a baliza (também popularmente conhecida como gol).

Assim, demonstramos buscar o entendimento dos jogos de invasão nas aulas de Educação Física, por isso nossa questão de pesquisa é: Como os Jogos de Invasão são planejados e ensinados nas aulas de Educação Física por uma professora cujas práticas são consideradas inovadoras?

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é compreender a prática pedagógica de uma professora de Educação Física inovadora no ensino dos Jogos de Invasão.

Especificamente objetiva-se identificar e analisar quais processos educativos emergem do planejamento de ensino da professora de Educação Física nos jogos de invasão.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura quando contextualizada, pode ser considerada uma análise da literatura, como forma de resgatar as publicações de artigos, dissertações e teses acadêmicas mais relevantes nos últimos cinco anos, para levantar questionamentos e conclusões para que seja feita a pesquisa atual com maior rigorosidade acadêmica.

Diante disso, houve a utilização do meio virtual para pesquisar estudos sobre o tema, sendo escolhido para a construção do projeto a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) com as palavras-chaves: “Jogos de Invasão *AND* Ensino Fundamental”, publicados entre 2020 e 2024.

Foram encontrados com base na pesquisa 14 resultados, contendo 12 Dissertações e 2 Teses, sendo feita a leitura dos títulos e resumos de todos os textos e foram retiradas 10 Dissertações e 2 Teses por não dialogarem sobre os Jogos de Invasão no Ensino Fundamental como esperado pelo objetivo da pesquisa ou sobre o ensino na Educação Física na perspectiva da pesquisa. E foram coletadas 2 Dissertações para a utilização da revisão de literatura, que foi disposta no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Dissertações coletadas na BDTD entre os anos 2020 – 2024

Nº	Título da Dissertação (D)	Autor(es)/a(as)	Ano da publicação	Área Ou Revista	Assunto
01	O ensino de esportes de invasão na Educação Física Escolar: construção e análise de uma proposta de ensino pautada nos jogos desportivos coletivos e nos estilos de ensino.	João Arlindo dos Santos Macêdo	2020	Educação Física	Esporte de Invasão
02	Esporte de invasão: inovações para o ensino	Eduardo Silva dos Santos	2020	Educação Física	Esportes de Invasão

do futsal no ensino fundamental.				
----------------------------------	--	--	--	--

Fonte: autoria própria

O primeiro estudo tem como base o ensino dos esportes de invasão na Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Assim, decorre de uma conexão entre o modelo dos Jogos Desportivos Coletivos (JDC) com os estilos de ensino Recíproco (R), Produção Divergente (PD) e Descoberta Guiada (DG) na metodologia de ensino-aprendizagem dos esportes handebol e futsal (Macêdo, 2020).

O artigo destaca a presença do esporte como fenômeno sociocultural, presente e influente na vida social, partindo do contexto educacional e formação humana. Com relação ao seu processo de ensino por parte de instituições, se destacam as escolas de iniciação esportiva, clubes, projetos sociais esportivos e a Educação Física escolar. Entretanto, quando se trata da Educação Física escolar e o processo de ensino e aprendizagem dos esportes, os princípios de compreensão e prática são divergentes às demais instituições, pois, o componente curricular obrigatório da Educação Básica visa que o aluno tenha a possibilidade de aprender e se integrar na cultura corporal de movimento pelo meio de conhecimento (Macêdo, 2020).

Segundo o autor, os estudos utilizados para esse projeto, como, a Pedagogia do Esporte, tendem a apresentar compreensões distintas, porém, equiparam-se no fator de encaminhar o aluno para o percurso da ideia de uma aprendizagem que ocorra maior envolvimento no esporte, fazendo que aconteça diversos jogos, desafios e tarefas, suplantando os modelos de ensino voltados a uma lógica tradicional (Macêdo, 2020).

A partir das ideias apresentadas, o autor explica brevemente o que foi estruturado:

[...] optamos nesta pesquisa por desenvolver uma experiência de ensino a partir da sequência de níveis de compreensão da lógica do jogo e suas relações com os estruturantes básicos do modelo dos Jogos Desportivos Coletivos (JDC) aliando estes a utilização de três Estilos de Ensino que mais se aproximam da essência do modelo, que são: Recíproco (R), Produção Divergente (PD) e Descoberta Guiada (DG) (Macêdo, 2020, p. 23).

Assim, Macêdo (2020) apresenta a questão problemática da pesquisa que é: Quais são as potencialidades e limites dos estilos de ensino R, PD e DG como auxiliares do modelo de ensino dos JDC para o ensino-aprendizagem de esportes de invasão em Educação Física escolar?

Portanto, o objetivo geral foi elaborar, aplicar e avaliar uma unidade didática para o ensino de esportes de invasão com foco em handebol e futsal, tendo como princípios orientadores os JDC e os estilos de ensino R, PD e DG. Desse modo, o objetivo específico dirigiu-se em vislumbrar alternativas didáticas com potencial para auxiliar o engajamento e aprendizagem dos alunos a partir do modelo de ensino e estilos usados. A turma escolhida para a pesquisa foi um grupo de 5º ano do Ensino Fundamental 1, formado por 27 alunos regulares, com 14 meninos e 13 meninas, uma turma que o professor pesquisador já possuía uma linha de trabalho desenvolvida por cinco anos (Macêdo,2020).

A metodologia efetuada foi uma pesquisa de natureza qualitativa, orientada pelo método da pesquisa-ação, na qual a intervenção da pesquisa obteve a construção de uma unidade didática. Essa unidade didática foi composta por dezesseis aulas, contendo os conteúdos handebol e futsal, sendo construída sob a organização da lógica interna para o ensino nomeada como “esporte de invasão”. A coleta de dados partiu das técnicas de observação participante para o conjunto das dezesseis aulas e três grupos focais com os alunos, que ocorreram no início, meio e final das aulas. Decorrente a realização da pesquisa, foi analisado os dados coletados através da técnica de análise de conteúdo a partir das categorias de participação e aprendizagem e adequações didático-pedagógicas (Macêdo, 2020).

Portanto, nas considerações finais o estudo conclui que o ensino com base no JDC e nos estilos de ensino necessita de um planejamento apropriado, com as concepções alinhadas ao processo de aprendizagem dos/as alunos/as. A interferência docente tem de prosseguir uma sequência de problemas táticos que promovam experiências no esporte, permitindo que o professor adote abordagens voltadas ao aluno, nas tarefas e no jogo. A proposta instalada enfatizou a necessidade de 18 a 24 aulas para favorecer o aprendizado dos/as alunos/as diante do handebol e futsal, sendo o estilo Recíproco eficaz para ocasionar o protagonismo dos/as praticantes. Já os estilos Produção Divergente e Descoberta Guiada apresentaram-se mais indicados aos/as estudantes com maior conhecimento do esporte, exigindo assim o conhecimento e preparo mais complexo do professor. Por fim, conclui que o ensino ativo causa mudanças de papéis e um planejamento consistente, capaz de mobilizar o potencial dos alunos e resultar em um favorecimento na construção do aprendizado (Macêdo, 2020).

O segundo estudo apresenta o ensino do futsal no ensino fundamental 2, partindo do conteúdo de esporte de invasão. Discutindo a dificuldade do rompimento do modelo “rola bola” e da tradição tecnicista, o autor buscou apresentar alternativas para uma inovação da abordagem didático-pedagógica do conteúdo de Esportes na Educação Física escolar (Santos, 2020).

Na história do ensino do esporte no ambiente educacional brasileiro, houve dois momentos divergentes, sendo que no primeiro momento, o esporte era tratado a partir do Método Desportivo Generalizado, entre 1940 e 1960, tendo seu ensino voltado para fins educacionais com o objetivo pautado na contribuição da educação física e moral dos alunos. No segundo momento, entre 1960 e 1980, surge um método voltado para a esportivização da Educação Física escolar, dispondo da ideia de aplicar a iniciação esportiva aos alunos com o intuito de descobrir novos talentos/ atletas para a formação de equipes estaduais e nacionais (Santos, 2020).

Com isso, o autor discorre que em sua época de estudante, teve contato com a Esportivização da Educação Física escolar, sendo o esporte o único conteúdo de fato ensinado nas aulas. Suas aulas de Educação Física eram feitas no contraturno com turmas separadas por gênero e as aulas caracterizadas pelo predomínio de exercícios ginásticos e “futebol” para os meninos. A partir da experiência pessoal o autor se aproximou da Educação Física e do esporte, o qual o levou para jogos internos escolares. Essa sua participação auxiliou para o seu desenvolvimento intrapessoal e interpessoal. Tendo essa influência, o autor buscou se tornar profissional de Educação Física e estudar mais sobre o método de ensino, após notar que na graduação as literaturas apontavam como “preocupante” o método tradicional/ tecnicista e esportivizado (Santos, 2020).

O objetivo geral do estudo foi implementar um processo de ensino e aprendizagem do esporte de invasão nas aulas de Educação Física, pautado nas novas tendências da Pedagogia do Esporte de forma articulada às recomendações da BNCC. Os objetivos específicos, por sua vez, foram analisar as dificuldades, as potencialidades e os desafios da implementação de uma proposta de ensino do Futsal pautada nas intenções táticas e nos jogos condicionados. A turma escolhida foi o 6º ano A do turno matutino do Ensino Fundamental 2, na qual é composta por 35 alunos, sendo 18 do gênero masculino e 17 do gênero feminino (Santos, 2020).

A metodologia empregada foi uma pesquisa qualitativa, com referencial teórico na etnografia da prática escolar. Os dados da pesquisa foram coletados com a aplicação de questionário aberto, observação participante, diário de aula e grupo focal. O questionário segundo o autor, teve como função a identificação dos conhecimentos prévios dos alunos referente ao conteúdo Esporte. Ou seja, buscaram detectar quais eram os saberes conceituais que os alunos já carregavam consigo sobre o Esporte de Invasão e o Futsal. A observação participante foi classificada como um dos momentos fundamentais do estudo ao disponibilizar a implementação, análise e reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem do Futsal diante da tática. Os diários de aula possuíam roteiros pré-estabelecidos e a técnica do grupo

focal teve participação no final da aplicação da unidade didática desenvolvida para a identificação e percepção dos alunos sobre a proposta de ensino vivenciada, além de aprofundar questões, enfatizar e direcionar os problemas analisados e descobrir possibilidades e dificuldades partindo da perspectiva dos discentes (Santos, 2020).

O estudo concluiu que a proposta de ensino utilizada se mostrou uma alternativa inovadora para colaborar com o ensino dos esportes de invasão na Educação Física, valorizando os conhecimentos prévios dos alunos e enfatizando o rompimento da abordagem tradicional e tecnicista. Fundamentada nos princípios táticos e operacionais, a metodologia adotou os jogos condicionados que resultou na participação dos/as estudantes e permitiu um aprendizado contextualizado. Os docentes que tinham como papel serem mediadores, adaptavam as atividades conforme as necessidades dos/as alunos/as. A proposta apresentou um modelo avaliativo que continha um diagnóstico inicial, avaliação formativa e autoavaliação, em que auxiliaram de maneira positiva. As principais dificuldades apontadas se correlacionam à fatores estruturais da escola e a inexperiência do professor-pesquisador (Santos, 2020).

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Para que sejam abordados os aspectos presentes neste estudo, houve uma pesquisa acerca dos jogos desportivos coletivos e a prática pedagógica com base nos jogos coletivos em aulas de Educação Física escolar. Diante dos resultados obtidos, podemos citar autores/as que se aproximaram das perspectivas da pesquisa, como, Júlio Garganta e seus estudos acerca dos jogos desportivos coletivos, nos quais o jogo é visto como um fenômeno caracterizado pela imprevisibilidade e a diversidade de problemas para se solucionar em equipe. Além disso, baseado no conceito de prática pedagógica podemos citar André Luís Ruggiero Barroso em que apresenta evidências pautadas na inquietação referente ao ensino do esporte na Educação Física escolar, de como era e é tratado o ensino e os equívocos que podem ser evitados. Outra autora sobre prática pedagógica, é Larissa Galatti, a qual relata a pedagogia do esporte e os procedimentos pedagógicos, na perspectiva de uma prática prazerosa e estruturada para que traga ao praticante uma aprendizagem eficaz.

3.1 OS JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS

Os jogos desportivos coletivos são modalidades jogadas em equipes que se enfrentam em situação de oposição simultânea, caracterizando o jogo por uma situação concomitante de colaboração intra-equipe e interação de oposição inter-equipes. Esses jogos desportivos coletivos, também conhecidos como JDC, são praticados tanto no ambiente de alto rendimento, quanto em escolas de educação básica.

Segundo Garganta (1994), em razão à variedade das situações que concedem, os jogos desportivos coletivos (JDC) são vistos como um recurso fundamental para a formação, ou seja, quando a prática é bem direcionada, ela estimula o desenvolvimento das habilidades em diversas áreas, por exemplo, o tático-cognitivo, a técnica e o socioafetivo.

Com isso, partindo para a sua identidade e importância, Garganta (1994) relata que há dois traços fundamentais, que são o da cooperação e o da inteligência. Sobre a cooperação:

(1) o apelo à cooperação entre os elementos duma mesma equipa para vencer a oposição dos elementos da equipa adversária. Entendendo a cooperação como o modo de comunicar através do recurso a sistemas de referência comuns, que no caso vertente são essencialmente de natureza motora (noção de equipa). Para cooperar e levar de vencida a oposição dos adversários deve-se desenvolver nos praticantes o espírito de colaboração e de ajuda, podendo o jogo constituir-se como um campo privilegiado para que os praticantes expressem a sua individualidade, manifestem as suas

capacidades e simultaneamente aprendam a subordinar os interesses pessoais aos interesses da equipa; (Garganta, 1994, p.11).

O autor destaca que a cooperação tem um papel importante nos jogos, pois é uma forma de comunicação que utiliza sistemas de referência comuns, na qual, em grande parte são de natureza motora, construindo a noção de equipe. Portanto, para que a equipe supere a oposição dos adversários, é de suma importância que os/as praticantes desenvolvam um espírito de colaboração e de auxílio mútuo. Então, o jogo nessa perspectiva, é notado como um ambiente ideal em que os/as praticantes conseguem expressar sua individualidade e habilidades, e ao mesmo tempo, aprendem que os interesses da equipe devem estar acima dos seus em qualquer situação.

Outro levantamento do autor é sobre a inteligência como um desses traços fundamentais:

(2) o apelo à inteligência, entendida como a capacidade de adaptação a novas situações, isto é, enquanto capacidade de elaborar e operar respostas adequadas aos problemas colocados em situações aleatórias e diversificadas que ocorrem no jogo (noção de adaptabilidade) (Garganta, 1994, p.12).

Nessa fala, Garganta (1994) diz que no cenário dos JDC utilizar da inteligência é uma capacidade de adaptação a novas situações, ou seja, os indivíduos vão possuir a habilidade de criação e com isso efetuar respostas cabíveis à imprevisibilidade e diversificação de problemas que surgem ao longo do jogo. Então, a inteligência está correlacionada a adaptabilidade, que nada mais é do que a noção central para solucionar os problemas que surgem.

Gréhaigne e Guillon (1992, apud Garganta, 1994) trazem uma visão de que o problema dos jogos desportivos coletivos pode ser enfatizado no pensamento de: em determinada ocasião de oposição os/as jogadores/as devem coordenar suas ações com a finalidade de recuperar, preservar e progredir com a bola, com o objetivo de criação de situações de finalização e marcar gols ou pontos. Diante disso, há três categorias de sub-problemas para os/as jogadores/as resolverem: (1) No plano espacial e temporal, em que na fase de ataque há problemas de utilização da posse da bola, individualmente e coletivamente, vista na tentativa de ultrapassar bloqueios dos/as adversários/as (obstáculos móveis não uniformes), na fase de defesa ocorre problemas na realização de bloqueio (obstáculos), em que a finalidade é dificultar ou impedir/parando o movimento da bola e dos/as adversários/as, no objetivo de conquistar a posse da bola. (2) No plano da informação,

o indivíduo deve aumentar a incerteza para os/as adversários/as e produzir mais certeza para os colegas de equipe. Ou seja, essa incerteza ao/a adversário/a parte da tomada de decisão dos colegas que oferecem ao/a companheiro/a que está com a bola mais opções de jogo. Por exemplo, se quem está com a bola tiver várias opções de passe, o/a defensor/a terá mais dificuldade para adivinhar a jogada. (3) No plano da organização, ocorrem problemas na mudança de ação individual para uma coletiva. Ou seja, a dúvida central é de que maneira o/a jogador/a pode dar o seu melhor para a sua equipe com base nas suas ações individuais contribuindo para o objetivo do coletivo.

Os JDC contam com situações de imprevisibilidades em suas atividades, fazendo com que o/a sujeito/a que está jogando tem que respondê-las. A ação de quem pratica, ou seja, dos/as jogadores/as é definida pela associação complexa de diversos aspectos de natureza psíquica, física, tática, técnica etc. Nesse modo, os/as jogadores/as necessitam resolver as situações de jogo em diferentes contextos que exigem uma elevada adaptabilidade, principalmente referente à dimensão tática-cognitiva (Garganta, 1994).

Diante disso, o jogo no seu decorrer ocasiona o surgimento de tarefas motoras com uma elevada complexidade, tendo em vista que para solucionar esses fatores não há um modelo padronizado a ser seguido. Os JDC como atividades criativas em que há ocorrências frequentes, sem ordem cronológica e complexas, não dão margem para a previsibilidade antecipada, resultando aos/as jogadores/as a dimensão tática-estratégica como uma atitude permanente. Na estruturação dessa atitude, a triagem numericamente e qualitativamente das ações parte do conhecimento sobre o jogo desse/a jogador/a. Isto é, a forma de performance vai depender completamente dos seus modelos de clareza, como interpreta e compreende o jogo. É por meio desses modelos que haverá um direcionamento referente as suas decisões, moderando a organização da percepção, a compreensão das informações recebidas e as respostas motoras (Garganta, 1994).

Partindo para o assunto relacionado às metodologias aplicadas para o ensino dos jogos desportivos coletivos, um método muito tradicional com obsessão de seus conceitos no ensino/aprendizagem é aquele que prioriza a abordagem da técnica individual como conteúdo. Assim dizendo, este método assume que a soma de todos os desempenhos individuais estimula um primor qualitativo da equipe e com isso o gesto técnico acoplado na aprendizagem de forma analítica, que oportuniza a execução eficaz em situações de jogo. A contar dos anos 1960, essa didática dos JDC é defendida e utilizada baseado em mecânicas pré-estabelecidas, na qual o gesto técnico praticado sucessivamente tomava o maior tempo da prática comparado ao tempo realizado para o ensino do jogo (Garganta, 1994).

Dando ênfase ainda nesse fator de período e metodologia, na década de 1990, as aulas cujo tema abordado era os JDC configuravam-se basicamente no mesmo formato de planejamento, em que a 1ª parte era feito um aquecimento com ou sem bola (normalmente sem bola); 2ª parte era o corpo principal da aula, em que eram abordados os gestos específicos da atividade proposta pelo professor/treinador, diante de situações simplificadas, com ou sem a presença de oposição; 3ª parte era com base no tempo disponível, utilizando daí as formas jogadas (que seriam os jogos reduzidos ou jogo formal). Esse modelo de ensino favorece a desmontagem e remontagem de tais gestos técnicos e a sua progressão para as situações de jogo, ou seja, ocorre o isolamento das partes no ensino. Essa abordagem pode ser utilizada, porém, não deve ser a única e nem a principal para o ensino dos JDC, pois, nesta visão é ensinado o modo de fazer (técnica) separadamente das razões de fazer (tática) (Garganta, 1994).

3.2 O ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O esporte é um conteúdo amplamente tematizado na Educação Física escolar. É abordado pelos/as professores/as de maneiras distintas, porém, é possível fazer uma análise crítica dos modelos de ensino.

Segundo Barroso (2020), quando se pensa em uma estruturação do conteúdo esporte na Educação Física, na ideia de um trabalho relevante e significativo na formação dos estudantes, há a uma evolução na interpretação do docente referente ao que não deve ser aplicado e apresentado com base no componente curricular.

Desse modo, é de suma importância a formação acadêmica continuada do profissional de Educação Física, pois a partir da busca pelo conhecimento, pelo novo, conseguirá ter uma facilidade em realizar críticas construtivas para a evolução de sua prática pedagógica com base no contexto educacional em que está presente.

Assim, de acordo com Barroso (2020), há uma necessidade do conhecimento e experimentação para a indicação de questionamentos, debates e reflexões, na qual materializará o objetivo de transformações pedagógico-didáticas a si próprio e para os educandos, alcançando o aproveitamento da legitimidade junto à comunidade escolar.

Dando ênfase ao componente curricular Educação Física, ao longo do seu processo de aplicabilidade dentro do ambiente escolar, quando se pensa no conteúdo esporte, ainda há lacunas para serem completadas, além de, algumas questões necessitando de respostas, como: (1) Por que ensinar esporte na escola; (2) Quais os temas mais significativos sobre o esporte a serem tratados nas aulas; (3) Quais conceitos pertencentes ao esporte o estudante deve se

apropriar; (4) Quais critérios utilizar para a seleção das modalidades a serem contempladas; (5) Como tratar pedagogicamente as modalidades esportivas; e (6) O que se apresenta como fundamental para ser abordado das modalidades esportivas (Barroso, 2020).

Diante disso, analisando brevemente o início da maior atenção ao esporte na Educação Física escolar, esse olhar com mais “destaque” ao esporte foi no período em que houve a Ditadura Militar, em que as aulas de Educação Física escolar se baseavam em aspectos médicos, tendo como objetivo a busca da saúde, possibilitando um corpo forte e higiênico. Influência militarista, na qual visava a construção de corpos fortes para enfrentamentos militares. Assim, seu ensino era baseado em gestos técnicos das modalidades esportivas (Barroso, 2020).

Com essa visão hegemônica, é importante uma discussão de alguns pontos, como os propósitos da Educação Física escolar. O propósito interpretado é de que a instituição escolar procura abordar pedagogicamente os conhecimentos pertinentes à cultura de forma crítica e questionadora, então, a Educação Física recortando a cultura, apropriando-se dos aspectos ao corpo e ao movimento, oferecerá possibilidades para que os alunos conheçam/ experimentem as distintas práticas corporais criadas, reproduzidas e transformadas pelo ser humano (Barroso, 2020).

Diante do contexto, a Educação Física deve se responsabilizar pela tarefa de tratar as práticas corporais como conteúdos escolares, compreendendo o esporte como um dentre os demais, e não como conteúdo exclusivo, pelo fato dos jogos, as ginásticas, as lutas, as danças, as práticas corporais de aventura serem segmentos da totalidade que o componente curricular possui responsabilidade (Barroso, 2020).

Sendo assim, a Educação Física escolar tem como objetivo abordar pedagogicamente o esporte na escola, por meio de atividades que problematizem e superem o esporte espetacularizado, como por exemplo, pelo uso de jogos para o ensino deles, na qual o professor junto ao objetivo e regras flexíveis, venha dar uma maior atenção para aqueles alunos que detém de um grau elevado de dificuldade na execução de atividades referentes às modalidades esportivas.

Nessa perspectiva, a função da escola é a democratização do acesso ao conhecimento para os alunos, superando a exigência de pré-requisitos pautados pela técnica esportiva, por exemplo, valorizando as situações de jogo. Consequentemente, o ensino necessita seguir uma lógica de princípio voltado para a equidade, abolindo fatores como, a exclusão ou seleção de estudantes diante de suas dificuldades ou aptidões (Barroso, 2020).

Diante das modalidades a serem trabalhadas no ambiente educacional, é de suma importância o debate referente à predominância de alguns esportes nas aulas de Educação

Física. No decorrer da Educação Básica, é comum que quatro modalidades consideradas tradicionais sejam repetidamente abordadas. Essa prática de propor apenas esses quatro esportes, que são, voleibol, futsal, basquete e handebol, acaba gerando uma organização curricular confusa e limitada no componente resultando na hegemonia no ensino de esportes coletivos, a qual limitará a diversidade de experiências aos/as alunos/as (Barroso, 2020).

Se pensarmos nos porquês dessas modalidades serem tradicionais nas aulas, alguns pontos podem ser levantados. O primeiro ponto refere-se ao espaço físico, pois nas escolas as quadras poliesportivas já são construídas e estruturadas com as demarcações para a prática dessas modalidades, sendo um possível aspecto facilitador para sempre trabalhar com maior frequência as mesmas na prática pedagógica. Um segundo ponto, é sobre a trajetória de vida dos professores, na qual em perspectivas escolares ou atletas as suas maiores vivências podem ter sido nesses esportes, então, por isso, desenvolvem seus trabalhos nessas modalidades por se sentirem mais confortáveis e seguros. Indo para o terceiro e último motivo, esse ponto se relaciona à formação acadêmica, em que nos cursos de Educação Física no ensino superior a carga horária pode ter sido de maneira elevada para a aprendizagem dessas modalidades, e para os outros esportes a disponibilidade pode ter sido menor ou até não ter sido organizada uma carga horária para elas, assim, o professor desenvolve um preparo mais consistente nas mesmas (Barroso, 2020).

Portanto, com base nesse tradicionalismo e planejamento limitador dos docentes, Barroso (2020) enfatiza:

Assim, apresenta-se determinante identificar em nosso plano de trabalho se estamos oferecendo uma variedade de modalidades esportivas, possibilitando aos estudantes maior conhecimento da diversidade que há no mundo do esporte, buscando assim visão ampla no tratamento desse elemento como conteúdo significativo da EF escolar. Nesse sentido, mostra-se determinante salientar a importância de uma formação generalista do professor em licenciatura em EF, oferecendo condições para esse profissional tratar da diversidade de temas/assuntos em cada conteúdo pertencente ao componente curricular (Barroso, 2020, p. 90).

Adentrando na ideia do esporte nas abordagens pedagógicas renovadoras, no período da década de 1980, a Educação Física procurou se desconectar dos aspectos biológicos, e voltar o olhar do ensino para questões voltadas à cultura, assim, causando críticas sobre o esporte ser conteúdo hegemônico nas aulas (Barroso, 2020).

Entretanto, aprofundando-se nessa discussão da apresentação do esporte no contexto escolar, houve equívocos na interpretação de tais críticas, conforme iremos demonstrar.

Citando o primeiro engano, ele se dá na crítica do formato que o esporte estava sendo trabalhado, na qual ficou como compreensão que os críticos seriam opostos sob a implementação do esporte nas aulas, causando uma divisão grupal de prós e contras do esporte. Com isso “A negação do esporte não vai no sentido de aboli-lo ou fazê-lo desaparecer ou então negá-lo como conteúdo das aulas de EF. Ao contrário, se pretendemos modificá-lo é preciso exatamente o oposto, é preciso tratá-lo pedagogicamente” (Bracht, 2000/2001, apud Barroso, 2020, p.90). Portanto, o conceito se volta para abordagem distinta da esportivista, e não a exclusão do esporte do componente curricular (Barroso, 2020).

Dessa forma, defende-se a substituição dos conceitos de detecção de talentos, treinamento esportivo, valorização dos mais habilidosos e ênfase exclusiva no ensino técnico e gestual, pela adoção de princípios que promovam a compreensão dos diferentes significados do esporte, a contextualização das aulas, a aproximação entre o esporte e as relações sociais, o cuidado com a aprendizagem de todos os alunos e o respeito às individualidades (Barroso, 2020).

Um outro equívoco está diante do ensino da técnica, no qual a ideia não é anular o ensino da técnica, porém, enfatizar para o aluno que a perfeição no gestual técnico é direcionada para o treinamento esportivo, causando uma quebra na obrigatoriedade de efetividade nos movimentos da modalidade esportiva ao decorrer das aulas ou até mesmo em momentos de lazer. Com isso, o papel do ensino do esporte no ambiente da escola é mostrar ao aluno que a aprendizagem da técnica é visando a possibilidade de seu uso na prática esportiva sem a exigência da execução perfeita e respeitando as possibilidades individuais (Barroso, 2020).

O terceiro equívoco que pode ser apresentado, foi classificar rendimento e ludicidade de forma antagonista, havendo má interpretação no uso do termo rendimento no esporte. É importante pontuar a diferença de rendimento máximo e rendimento ótimo. Primeiramente sobre o rendimento máximo, é visto como obrigatório o atingimento por todos, buscando meta, os índices, marcas, resultados etc. Já o rendimento ótimo, é a possibilidade de aprendizagem a ser alcançada de maneira individualizada. Portanto, tanto em ambientes competitivos quanto em ambiente escolar, é necessário a consideração em primeira instância o atingimento da performance/rendimento máximo pelos alunos, e de segunda instância, a possibilidade da performance/rendimento ótimo de forma individualizada (Barroso, 2020).

E, quando se usa os aspectos lúdicos dentro das atividades, não quer dizer que o esporte está sendo rejeitado, pelo contrário, pelo fato de que o esporte quando encaminhado para o ambiente da alta performance, ele é caracterizado pela instrumentalização, ao sofrimento, à obrigatoriedade, já a ludicidade suas características fundamentam-se no prazer,

na criatividade e na liberdade de movimento. Isto é, a crítica está à frente do método que o esporte é aplicado e o que se espera dele, ou melhor dizendo, havendo ou não a presença de características lúdicas nas atividades não possui dependência do esporte em si, mas de como será abordada (Barroso, 2020).

Barroso enfatiza o quarto equívoco dizendo que:

[...] refere-se ao mal-entendido sobre as novas abordagens estarem propondo a substituição da prática das modalidades esportivas na aula pela reflexão sobre o fenômeno esportivo. Longe disso, o que se defende não é a troca de um pelo outro, mas alertar para a importância da reflexão sobre o fenômeno esportivo para entendê-lo em sua complexidade. Dessa forma, não basta o professor ensinar a jogar determinados esportes, há necessidade do ensinar sobre esses esportes, realizando contextualizações/tematizações acerca dos mesmos, para os alunos entenderem as suas origens, reconhecerem as suas modificações, compreenderem o atual momento, e até terem condição de realizarem transformações. Contudo, isso só acontecerá se as aulas possibilitarem momentos de reflexões, questionamentos e discussões (Barroso, 2020, p. 92).

Desse modo, o ensino do esporte deve ser além do ensinar a fazer, em que o ensinar sobre o fazer precisa ter um papel crucial no processo, em que há necessidade de acoplar como importante os aspectos relacionados à valores e atitudes dos alunos diante do esporte e das práticas corporais distintas, prosseguindo no conceito da categorização dos saberes corporais conceituais e atitudinais (Barroso, 2020).

Desta forma, falando sobre o que ensinar sobre o esporte, na Pedagogia do Esporte é defendido que o método de ensino do esporte seja partir da realização de jogos visando a iniciação das modalidades esportivas. Levando um olhar mais para os esportes de invasão ou territoriais e os esportes de rede/quadra dividida, os autores da Pedagogia do Esporte dizem em uma prática pedagógica que conceda aos alunos o entendimento da lógica geral das modalidades esportivas, na qual consigam materializar relações e transferências entres os esportes (Barroso, 2020).

Atividades com características de jogos, apresentam na prática e ao decorrer do jogar da técnica e a tática simultaneamente, causando uma assimilação com os momentos do jogo em si, havendo objetivos para serem atingidos na modalidade, além da imprevisibilidade oferecida no esporte. Com isso, os saberes corporais quebram paradigmas no ensino e demonstram que passa de apenas haver a aprendizagem da técnica, pelo fato dos alunos aprenderem além dela quando trabalhado modalidades esportivas, como por exemplo, as tomadas de decisão em situações momentâneas do jogo, entender o posicionamento ideal e saber o que fazer, diante das fases ofensivas e defensivas, taticamente falando, quando se trata

de modalidades esportivas que contêm da presença de adversários. Já os saberes conceituais, eles vão além das repetições ou execução das técnicas esportivas, há o princípio de garantir que os alunos compreendam o esporte em suas diversas dimensões, serem críticos sobre o esporte, causando neles um significado para a experimentação dessa prática (Barroso, 2020).

Diante da estruturação dos Jogos Esportivos Coletivos (JECs), as modalidades desses jogos contam com um potencial na vivência de valores e no desenvolvimento de determinadas competências necessárias para a convivência em sociedade, por exemplo, a inclusão, tolerância e respeito. Desta maneira, o esporte condiz com uma aproximação da função “educar” da Pedagogia, como diz Bento (1999, *apud* Galatti 2008):

Educar é levar aquele que está num saber mais baixo para um saber mais alto. E porque estar num saber é estar no nível da realidade que esse saber dá, educar é levar alguém de uma realidade mais baixa para uma realidade mais alta. O que torna patente o carácter instrumental do ensino, da aprendizagem e dos saberes e competências. (p. 401).

Nesse sentido, educar um indivíduo não é apenas a transmissão de uma informação, implantar uma ideia, mas sim, apresentar fatos e conceitos para uma busca de ascensão. Para isso, o saber é importante para a definição da realidade, assim, quanto menor o saber daquele indivíduo, menos rica e ampla é sua realidade, na qual se torna necessário e eficaz almejar a melhora do saber para conduzir uma realidade rica e vasta. Considerando o ambiente da aprendizagem do esporte na escola, pode-se dizer que a expectativa é que dentro do conteúdo venha a ser ensinado além de gestos técnicos e ações táticas, conhecidos como lógica interna (saber fazer), acoplando da lógica externa evidenciando o aspecto social, como, a ética, o respeito, a compreensão do papel do esporte na sociedade em si.

É fundamental ponderar o desejo e a necessidade dos alunos, sendo transferido essa ideia para as crianças, que são considerados indivíduos de características próprias, conectadas ao lúdico, na urgência de unir-se ao imaginário. Portanto, ao iniciar uma criança no esporte o ideal é adaptar o esporte à criança e não a criança ao esporte, criando sequências didáticas e classificando estratégias e procedimentos pedagógicos com critério principal as necessidades da infância, como, por exemplo, o lúdico, a espontaneidade e a capacidade de adaptar-se a novos conteúdos. Sobre as competições planejadas, elas devem ser adequadas ao contexto da criança, pois o ambiente competitivo apresenta um ambiente que causa instabilidade emocional, com isso, é necessário um ambiente que o aluno vivencie novas emoções sem constrangimentos (Galatti, 2008).

Nesse contexto, o jogo é fundamental por dar abertura para o retorno à origem do esporte, com a alteração das regras por parte dos jogadores, podendo relativizar o peso da

obrigatoriedade de vencer, mesmo com a permanência da competitividade nele. Segundo Paes (2002, *apud* Galatti 2008), a competição implementada da forma ideal, sem exagero na sua aplicabilidade e valorização, tem potencial para promover alegria e prazer, pelo fato de a incerteza presente no fenômeno ter uma função fundamental de motivação, despertando o interesse pelo esporte. Assim, Ferreira, Galatti e Paes (2005, p. 128 *apud* Galatti 2008) enfatizam a postura do professor da seguinte maneira:

[...] o professor deve estar atento em promover intervenções positivas; ter a participação, a cooperação, a co-educação, a emancipação e a totalidade como princípios; buscando, assim, valer-se da pedagogia do esporte já discutida e não da simples administração da prática esportivizada (p. 402).

O professor na prática dos jogos esportivos coletivos tem o papel fundamental de ser um guia naquele momento, pois parte de sua iniciativa deve prezar por fazer com que todos/as os/as alunos/as participem daquela atividade proposta, causando o envolvimento de todos/as e não apenas de alguns, que muitas das vezes são os mais habilidosos, além disso, deve conceituar e fazer com que seja desenvolvido o trabalho em grupo, sem a competição individual e o protagonismo único. Nessa linhagem entra com o decorrer do processo a formação integral, dando assim, a liberdade para os/as alunos/as para tomarem as decisões e tenham a leitura da situação-problema ali imposta, sendo autônomos e críticos, materializando as soluções.

Os JECs demonstram um forte potencial de vivência de princípios e valores, sendo que sua prática apenas na estrutura formal não é o suficiente, é preciso capacidade de inserir jogos de diversas dinâmicas e com diferentes objetivos. Paes (2001, *apud* Galatti 2008), nesse cenário estabelece como parâmetro pedagógico a ideia de jogo possível, ou seja, aquele que:

[...] permite adaptações relativas ao espaço físico, ao material, às regras, possibilitando a participação de um grande número de alunos, pois se trata de uma prática de inclusão e não de exclusão; dá oportunidade ao aluno de conhecer e compreender a lógica técnica e a tática do jogo coletivo; busca um equilíbrio entre a cooperação e a competição; amplia os movimentos dos alunos e acentua a ludicidade de sua prática. (...) um facilitador para o resgate da cultura infantil (p. 403).

Dessa forma, o jogo quando se torna um mediador entre a criança e o esporte, com a potencialidade do professor, concede a flexibilidade de regras que proporciona ao professor a capacidade de transformar a criança para uma prática adequada de esporte coletivo, desenvolvendo sua iniciação com base nas hipóteses que respeitem a infância, tendo por uma pedagogia e métodos que reconhecem a participação da criança, os valores implícitos no jogar

e competir, recuperando nas aulas de esportes os jogos que fazem parte da cultura infantil, com a preocupação em criar competições com regulamentos alternativos (Galatti, 2008).

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, a qual, segundo Negrine “[...] tem como pressuposto científico manipular informações recolhidas, descrevendo e analisando-as, para num segundo momento interpretar e discutir à luz da teoria [...]” (2010, p. 62).

Pensando a abordagem de pesquisa qualitativa na Educação Física, Molina Neto (2025) afirma que:

A Pesquisa Qualitativa em Educação Física Escolar, isto é, a Educação Física que supera preconceitos, estuda e pesquisa com o professorado Educação Física vem dar vasão a um corolário de objetivos educacionais progressistas. Nesse sentido, ela vem se ocupando de questões de gênero, relações étnico-raciais e classes sociais em igual medida aos objetivos específicos subjacentes aos conteúdos identitários da Educação Física Escolar por meio de diferentes estratégias metodológicas e instrumento para a construção de informação nova, e/ou reconversão de ideias já debatidas em outros tempos (p. 12).

Dentro das modalidades de pesquisa qualitativa, optamos pelo Estudo de Caso, que se caracteriza pelo exame de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu conhecimento amplo e detalhado a partir de investigações sobre características específicas de um ou mais participantes (sujeitos, instituições, organizações), os quais julgamos de relevância significativa para a compreensão do objeto a ser analisado. De acordo com Almeida, Oppa e Moretti-Pires (2012), o objetivo do estudo de casos não reside na possibilidade de generalizações e inferências com base nos resultados encontrados, mas sim na tentativa de qualificar as características encontradas como forma de conhecimento, com o intuito de compreender um determinado fenômeno. Os autores sustentam ainda que:

[...] o caso estudado em profundidade tem que ser representativo, algo que justifique uma busca aprofundada sobre determinada característica que associada a outros casos similares possam servir de base para formação, questionamentos ou desenvolvimento de novas teorias (Almeida; Oppa; Moretti-Pires, 2012, p. 146).

Justificamos ainda a adoção do referencial metodológico do Estudo de Caso, considerando que nosso foco será no aprofundamento das práticas pedagógicas de uma professora de Educação Física com práticas inovadoras. Compreendemos tratar-se de uma professora com práticas inovadoras à luz da classificação das atuações docentes proposta por González (2020), tendo em vista experiências pregressas de trabalhos colaborativos com a professora escolhida para a pesquisa, no Programa Residência Pedagógica.

Adotando esta perspectiva, no presente estudo pesquisamos com a professora de Educação Física, recorrendo para a produção de dados, à entrevista semiestruturada e à observação participante das aulas de Educação Física que aconteceram em uma escola pública na cidade de São Carlos-SP, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mais precisamente com as turmas do 4º ano. Para a formalização da pesquisa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi lido e assinado pela professora participante que no decorrer do texto será referenciada pelo nome fictício de professora Roberta.

Como instrumento para a coleta de dados adotamos a observação participante (Negrine, 2010), sendo que para a compilação dessas observações foram utilizadas Notas de Campo que reuniram os registros de uma intervenção pedagógica. Esse instrumento, diante da definição por Bogdan e Biklen (1994, p. 150) nada mais é que: “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo”. Com isso, esses diários de campo são de suma importância para avaliar o objetivo específico da pesquisa, que é identificar e analisar quais processos educativos emergem do planejamento de ensino da professora de Educação Física nos jogos de invasão. Para tanto, foram observadas 7 aulas de Educação Física de turmas de 4º ano do Ensino Fundamental, período de 29 de setembro a 20 de outubro de 2025.

Complementarmente, uma segunda abordagem metodológica para a produção de dados foi a entrevista, que é uma forma de prestação de informações e troca de conhecimentos entre pessoas sobre uma temática, podendo causar uma relação positiva com o indivíduo (Negrine, 2010). O tipo da entrevista utilizada foi a semiestruturada, que condiz com um instrumento de coleta bem planejado e projetado para a obtenção de informações de questões concretas, definidas pelo pesquisador, porém, proporcionando a liberdade de explorações não previstas, com liberdade para a entrevistada para pontuar com mais profundidade em relação ao tema (Negrine, 2010).

A análise de dados utilizou o método de Categoria de Codificação, proposto por Bogdan e Biklen (1994). Segundo esses autores para realizar a análise é necessário seguir as seguintes etapas: na primeira etapa uma leitura atenta dos elementos coletados (da observação e do diário de campo), sendo extremamente importante a descrição das primeiras impressões do pesquisador. Na segunda etapa os elementos coletados passam por uma estratégia de etiquetagem encontrando em cada documento seus códigos e comportamentos que se assemelham mais ao objetivo da pesquisa, essa etapa se caracteriza por possuir um extenso ciclo de análise (cada documento passa por um sistema de filtragem de três ou quatro fases), um outro ponto importante é elaborar uma lista de categorias e depois agrupá-las de uma maneira organizada.

Por fim na terceira etapa também chamada de categorização ocorre um diálogo entre os diversos códigos que surgiram dessa técnica de codificação e a partir disso são reunidos em categorias abrangentes capazes de descrever os elementos presentes.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a apresentação dos resultados, foram criadas categorias pelo método de Categoria de Codificação, proposto por Bodgan e Biklen (1994). Com isso, foram desenvolvidas três categorias, que são: “O surgimento da tática-cognitiva e técnica nos jogos de invasão”; “O ensino dos esportes de invasão na Educação Física escolar a partir do método do jogo”; “Os procedimentos Pedagógicos-Didáticos de uma professora com perspectivas inovadoras”.

5.1. O surgimento da tática-cognitiva e técnica nos jogos de invasão

A tática e a técnica são fatores que estão presentes no esporte e jogo coletivo, incluindo os esportes de invasão, com isso, foi possível captar informações de como esse conceito venha a ser apresentado na prática, saindo da literatura. Enfatizando o conceito de Técnica é o modelo gestual do indivíduo que está jogando, classificado como ideal de um momento que serve para resolver um problema específico. A tática nada mais é do que as ações do indivíduo dentro do jogo, sabendo utilizar do tempo, espaço e a sua cognição de interpretação das ações para as devidas tomadas de decisão.

Portanto, alguns pontos dos diários foram separados como informações para enfatizar a tática e técnica presente no jogo, em que foram notórias na maior parte das fases das aulas práticas na quadra poliesportiva da escola, e pouca presença da sala de aula pertinente ao assunto. Porém, o ensino tático e técnico pode ser tanto dentro de sala de aula com demonstrações, quanto fora da sala de aula com a prática dos jogos como uma aprendizagem continuada, pensando no uso de uma quadra poliesportiva.

Desse modo, foram categorizadas as seguintes situações. A Tática e Técnica sendo apresentadas dentro da sala de aula na parte teórica, na qual quebra a ideia de que a tática e a técnica são aprendidas e aplicadas apenas na perspectiva da vivência prática de um jogo:

[...] no vídeo apresentado, é explicado que esportes de invasão é o esporte que a equipe invade o lado do adversário para finalizar no alvo na tentativa de marcar gol, ao mesmo tempo, precisam defender o próprio campo para não tomarem pontos, além disso, enfatiza que uma das principais características desses esportes é manter a posse da bola ou objeto específico da modalidade, já que para pontuar precisa estar do seu domínio. (DC2 – 01/10; Sala de aula);

[...] CO: Analisando o jogo como um todo, a professora trouxe fundamentos do futebol, como, o passe, drible, marcação, condução de bola, junto com tática individual em

que o atacante teria que tomar uma decisão de confronto em desvantagem numérica, e a tática grupal dos defensores em vantagem numérica diante do atacante. (DC6 – 20/10; Sala de aula).

Sendo assim, aproveitando da aprendizagem dentro da sala de aula, de forma mais teórica, agora será mostrado o ensino-aprendizagem de maneira continuada na parte prática realizada na quadra poliesportiva, enfatizando primeiramente momentos que obteve a tática como fator principal:

[...] nesse jogo, os(as) alunos(as) já começaram a dialogar sobre estratégias e questão de passar por espaços vazios para chegarem até o objeto. Nos dois times houve bastante comunicação em atrair o adversário para o(a) companheiro(a) invadir o campo, roubar um cone com menor pontuação e ficar se movimentando para atrair o adversário e conseguirem roubar o cone com maior pontuação, até mesmo na fase de defesa houve estratégias de ficarem, por exemplo, 5 crianças na linha de frente e 3 na linha de trás para fazer uma cobertura para esse(a) colega que estava na linha frente. (DC2 – 01/10; Quadra);

[...] CO: Na observação de defesa, duas meninas estavam fazendo uma marcação que é conhecida como “cobertura”, uma ficou na linha de frente e a outra ficou logo atrás para ajudar caso o adversário passasse. O interessante foi que elas combinaram isso. (DC2 – 01/10; Quadra);

[...] CO: Notei que nesse jogo do Pique-Bandeira, que o coletivo foi fundamental, porém o primordial era a questão da individualidade, então o trabalho coletivamente tinha seus pontos, sua relevância, mas o que iria decidir o jogo era a individualidade do ataque de ter a percepção espacial de como atacar, a percepção temporal de que horas atacar, além disso tudo, a coordenação motora para conseguir desviar do adversário para ir e voltar para seu campo. (DC2 – 01/10; Quadra);

Agora, serão apresentados os fatores referentes a técnica como ponto primordial das ações, ou seja, será mostrado de forma dissertada o que o observador obteve na percepção de análise dos gestos técnicos dos/as alunos/ nos jogos realizados pela professora Roberta, em que a técnica condiz com a habilidade técnica desses/as praticantes para a realização de uma ação de forma adequada resultando em uma eficácia que desenvolverá a continuidade das ações:

[...]CO: A equipe verde relatou que estava sendo difícil marcar o aluno que vinha se destacando no jogo pela equipe vermelha, pois ele é muito rápido e ainda estava usando o

drible. Achei interessante essa leitura da equipe de conceituar um fundamento que está presente nos esportes de invasão, que é o drible. (DC3 – 06/10; Quadra);

[...] na quadra em que estava jogando as equipes laranja x amarela, compostas só por meninas, o jogo começou bem com as meninas tocando bola (DC4 – 08/10; Quadra);

[...] a professora simulou um ataque desta maneira para entenderem a ideia do porquê de respeitarem distância da companheira de equipe, compreenderem melhor a criação de linhas de passes, e a desmarcação. (DC4 – 08/10; Quadra);

[...] CO: De primeiro momento todas as crianças demonstraram um domínio básico de controlar a bola com pé, deixando-a próxima na condução e driblando as mães da rua. (DC6 – 20/10; Quadra);

[...] CO: Nessa segunda fase foi notório uma maior dificuldade no controle da bola próxima aos pés, e uma maior dificuldade em aplicar o drible e desviar dos defensores. Algumas crianças ao invés de ir tentar driblar e deixar a bola perto do pé, preferiram chutar ela para frente e correr atrás. (DC6 – 20/10; Quadra).

Para finalizar, acrescentamos o olhar da professora Roberta a partir da entrevista, sobre o uso da técnica e tática nos jogos que planeja, na qual ao ser caracterizada como inovadora, esse fator de aplicar o jogo de modo que seus princípios sejam notados, é de suma importância para a aprendizagem dos esportes pelo método do jogo. Além disso, demonstra que as suas adaptações não anulam esses princípios, como a técnica e a tática, de serem enfatizados ao decorrer do jogar:

[...] Em algumas delas, eu deixo, por exemplo, que eles avancem correndo com a posse da bola assim como no flag football, porém, só batendo bola no chão como acontece no basquetebol e no handebol. E aí já trabalha um pouquinho da técnica, do drible e da batida de bola (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] em outros momentos, eu percebo que bater bola no chão, acaba tirando o foco principal da aula, que seria a tomada de decisão, o posicionamento na quadra, a leitura de jogo. Então, quando eu vejo que bater bola no chão acaba prejudicando o objetivo principal, eu procuro mudar a regra (Professora Roberta - Entrevista – 16/10).

Portanto, nessa primeira categoria que é intitulada como “O surgimento da tática-cognitiva e da técnica nos jogos de invasão”, há a tática-cognitiva e a técnica aparecendo a partir da prática dos jogos esportivos coletivos, com isso, podemos notar que os processos educativos estão voltados para a solução de “sub-problemas” presentes no jogo de

invasão, como, por exemplo, analisar e compreender o que o ambiente está exigindo e propondo para solucionar os problemas que virão a ocorrer, como demonstrado no diário:

[...] CO: Notei que nesse jogo do Pique-Bandeira, que o coletivo foi fundamental, porém o primordial era a questão da individualidade, então o trabalho coletivamente tinha seus pontos, sua relevância, mas o que iria decidir o jogo era a individualidade do ataque de ter a percepção espacial de como atacar, a percepção temporal de que horas atacar, além disso tudo, a coordenação motora para conseguir desviar do adversário para ir e voltar para seu campo. (DC2 – 01/10; Quadra).

Ou seja, torna-se um ambiente rico em interações que promovem a formação dos(as) alunos(as), e nessa interação, se envolve a tática como forma de construção de conhecimento crítico das crianças, sendo um processo de formação pela interação e ação conjunta, podemos evidenciar a tática e interação numa situação captada no diário:

[...] nesse jogo, os(as) alunos(as) já começaram a dialogar sobre estratégias e questão de passar por espaços vazios para chegarem até o objeto. Nos dois times houve bastante comunicação em atrair o adversário para o(a) companheiro(a) invadir o campo, roubar um cone com menor pontuação e ficar se movimentando para atrair o adversário e conseguirem roubar o cone com maior pontuação, até mesmo na fase de defesa houve estratégias de ficarem, por exemplo, 5 crianças na linha de frente e 3 na linha de trás para fazer uma cobertura para esse(a) colega que estava na linha frente. (DC2 – 01/10; Quadra).

Desse modo, ao analisar o jogo no seu processo de desenvolvimento, é notório um recurso fundamental para a formação, partindo de uma prática direcionada, na qual estimula o desenvolvimento das habilidades em diversas áreas, como por exemplo, o tático-cognitivo, a técnica e o sócio efetivo, pelo fator das variações nas situações concebidas (Garganta, 1994).

Nos jogos realizados na escola observada para a pesquisa, houve momentos em que a professora dava feedbacks durante o jogo sobre as equipes usarem melhor os espaços vazios na quadra para criarem uma distância mínima em que facilitaria para a troca de passes com objetivo de invadir o campo do adversário, outros momentos foram os(as) próprios(as) alunos(as) que se comunicavam sobre as situações que o jogo estava apresentando, por exemplo, a dificuldade de realizar a marcação de algum(a) colega por conta de possuir uma habilidade de drible rápido e um bom posicionamento. Um outro momento notado foi uma aluna dialogar com sua companheira de equipe em realizarem a marcação juntas para

dificultar que a equipe adversária conseguisse avançar, em que se pode dizer que pensaram em uma tática e técnica juntas fazendo essa cobertura uma para a outra, e além do demais, comentários sobre se espalharem na quadra, que estava difícil jogar amontoados(as). Ou seja, é nítido que a tática e a técnica estavam presentes a todo momento e foi interpretada e explicitada de forma verbal e não-verbal pela professora e pelos(as) alunos(as).

Nessa percepção, a tática e interação são envolvidas no conceito de mecanismo perceptivo, na qual o mecanismo tem como função a seleção das informações que o(a) aluno(a) captou, auxiliando na organização, classificação de respostas perceptuais que adentrarão para ativar o mecanismo de tomada de decisão (González, 2012).

Portanto, é de se interpretar com os resultados nos jogos desenvolvidos na escola, que os(as) alunos(as) a partir da situação que o jogo apresentava, tinham que utilizar desses três mecanismos para executarem suas ações e corresponderem individualmente e coletivamente.

Ao falarmos de tática e técnica dentro da categoria observada nos jogos realizados na escola após a compreensão dos mecanismos, podemos linear dois traços fundamentais para o desenvolvimento das mesmas, que são, a cooperação e a inteligência. Partindo a ideia da cooperação no olhar das competências, é de suma importância essa cooperação dentro da equipe para vencer a oposição do adversário, pois, a cooperação numa perspectiva de um modo de comunicação, vem da natureza motora (noção de equipe). Então, para vencer os obstáculos da oposição é necessário que a equipe desenvolva entre si a colaboração e a ideia de entreatajuda, para que no jogo consigam desenvolver a manifestação de suas individualidades e manifestam capacidades aos interesses da equipe. Já no olhar a inteligência, o indivíduo deve usá-la na capacidade de adaptação a novas situações, então partindo desse pressuposto, o praticante vai possuir a habilidade de criação e responderá as imprevisibilidades e diversificação de problemas que surgem ao decorrer do jogo, assim, enfatizando a inteligência como uma adaptabilidade, que se baseia na noção central para a solução de problemas que surgem (Garganta, 1994).

Diante disso, com toda a situação que o jogo apresenta aos(as) alunos(as), serão desencadeadas três sub-problemas para eles(as) resolverem, na qual o primeiro se diz no plano espacial e temporal, ou seja, na fase de ataque há problemas na manutenção da posse da bola, seja individualmente ou coletivamente, na ideia de conseguir ultrapassar bloqueios dos/as adversários/as (obstáculos móveis não uniformes, na fase de defesa apresenta-se situações-problemas na realização dos bloqueios (obstáculos), em que a finalidade deve ser a dificuldade ou impedimento ao movimento da bola e dos/as adversários/as, com o objetivo de conquistar a posse da bola. O segundo sub-problemas está relacionado ao plano da informação, ou seja, o indivíduo precisa aumentar a incerteza para os/as adversários/as e gerar

mais certeza para os/as colegas de equipe, pois, essa incerteza aos/às adversários/as parte da tomada de decisão dos colegas de oferecem mais opções de jogo para esse/a companheiro/a que está com a posse da bola. O terceiro e último sub-problemas é referente ao plano da organização, surgem obstáculos na mudança de ação individual para uma coletiva, em que a dúvida central é de que modo o/a praticante pode apresentar sua melhor jogabilidade para a equipe diante das suas ações individuais com o objetivo de contribuição coletiva (Garganta, 1994).

Além disso, sobre a técnica e as possibilidades de execução na percepção de ser algo facilitador do jogar, como a implementação de regras, isso enfatiza que há o desenvolvimento do indivíduo de forma respeitosa a partir do parâmetro de possibilidade para a capacidade de adaptação a novas situações. Então, há a libertação de referências dogmáticas e de um monopólio pedagógico. González (2012) quando diz sobre a técnica, ele classifica dois conceitos, a técnica esportiva na qual enfatiza que nada mais é do que o movimento padronizado e adequado daquela modalidade, e a habilidade técnica que é o movimento de ação bem-sucedida do praticante para solucionar o problema que está inserido na modalidade, com isso, a implementação de regras no jogo para ser facilitador do jogar, entra na ideia de respeitar o praticante e estimular que o jogo está exigindo de sua habilidade técnica e não da técnica esportiva.

5.2. O ensino dos esportes de invasão na Educação Física Escolar a partir do método do jogo

O ensino dos esportes de invasão na Educação Física escolar conta com divergências no modo de ser apresentado e contextualizado pelos professores da educação básica. Com isso, diante da análise de dados, foi notório o ensino dos esportes de invasão nos dois ambientes utilizados pela professora para suas aulas que são, a sala de aula e a quadra poliesportiva, partindo de contextualizações feitas pela professora, participação de forma comunicativa dos alunos e a influência das atividades para responder a ideia do esporte como um jogo.

Diante disso, num primeiro momento, os resultados obtidos na sala de aula sobre o ensino dos esportes de invasão mostram que há uma aplicabilidade de ensino-aprendizagem inovadora, ao ser observado que a professora Roberta leva o conteúdo aos/as alunos/as e estimula que eles/as se posicionem e dialoguem com ela baseado na proposta da aula:

[...] começou o conteúdo de esportes de invasão com a docente perguntando para a turma quais esportes de invasão eles(as) conheciam. (DC1 – 29/09; Sala de aula);

[...] A maior parte da turma falou os mesmos esportes, como, o futebol, futsal, basquete, já um outro aluno falou esportes que não eram da categoria, como, por exemplo, o vôlei. (DC1 – 29/09; Sala de aula);

[...] Uma aluna no meio dessas falas disse “Pique-Bandeira”, onde a professora já interveio explicando para ela e o restante da turma que há diferença entre esporte e brincadeira, esporte e jogo. (DC1 – 29/09; Sala de aula);

[...] A sua fala sobre a diferença foi breve, comentando que no esporte há regras a serem seguidas, uma organização que regula e planeja como deve ser seguida a modalidade, além de ser algo muito disputado e que os materiais são pré-estabelecidos, enfatizando o esporte da televisão. Já os jogos e brincadeiras, relatou que pode haver mudanças nas regras, que podemos criar nossas próprias regras, pode-se utilizar materiais adaptados, enfatizando o esporte da escola. (DC1 – 29/09; Sala de aula);

[...] dando continuidade nesse método de dar a palavra para os alunos dizerem o que sabem a partir de uma pergunta, a professora fez aos(as) alunos(as) a seguinte pergunta: “Se vocês precisassem explicar para alguém qual é o objetivo/ principais características dos jogos de invasão. Como vocês explicariam?” (DC2 – 01/10; Sala de aula);

[...] logo em seguida já veio as respostas: Aluna 1: “Tem que invadir o campo do adversário com a bola, ou roubar a bola do adversário para marcar o gol”; Aluno 1: “Tem vários tipos, como no futebol americano, trabalhar em equipe, passar a bola pro seu amigo do seu time e não deixar os adversários roubarem sua bola. E também você precisa entrar no campo adversário e fazer o gol (DC2 – 01/10; Sala de aula);

[...] Terminando as respostas, a professora levantou uma observação para a turma que nas respostas eles falaram a todo o momento de “bola”, mas que nem todo esporte de invasão é com bola. Pegando esse gancho, foi passado um vídeo para a classe sobre os esportes de invasão. (DC2 – 01/10; Sala de aula);

[...] no vídeo apresentado, é explicado que esportes de invasão é o esporte que a equipe invade o lado do adversário para finalizar no alvo na tentativa de marcar gol, ao mesmo tempo, precisam defender o próprio campo para não tomarem pontos, além disso, enfatiza que uma das principais características desses esportes é manter a posse da bola ou objeto específico da modalidade, já que para pontuar precisa estar do seu domínio. (DC2 – 01/10; Sala de aula);

[...] Alguns dos esportes citados no vídeo foram, o futebol, o basquete, o handebol, o futebol americano, o frisbee, hóquei na grama, rúgbi, futsal, floorball e polo aquático,

finalizando o assunto dizendo que todos são jogados em quadras ou campo retangulares, com linhas de profundidades para serem atacadas e defendidas, então, por isso os tornam esportes coletivos. (DC2 – 01/10; Sala de aula);

[...] terminando o vídeo, os(as) alunos(as) acharam estranhos o polo aquático, hóquei na grama, frisbee e o floorball. (DC2 – 01/10; Sala de aula);

[...] Dando continuidade, a professora explicou que será trabalhado os esportes de invasão com a turma de uma maneira diferente do que é visto fora da escola, ou seja, ela irá trabalhar o esporte adaptado para o ambiente escola, utilizando de jogos adaptados, adaptando materiais, regras, formato do ambiente. Porém, relata que não iria começar pelos esportes de invasão tradicionais, e sim por uma brincadeira/ jogo popular, o pique-bandeira. (DC2 – 01/10; Sala de aula);

[...] perguntou com qual esporte o Cesta Humana era parecido, recebendo as mesmas respostas de todos(as) os(as) alunos(as) que o esporte semelhante ao jogo Cesta Humana era o basquete. (DC4 – 08/10; Sala de aula);

[...] com isso, a professora explicou que o objetivo era tentar invadir o campo do adversário pelo fato de ser um esporte de invasão, e além de levar o objeto até o campo do adversário como no Pique-Bandeira, mas dessa vez o objeto é uma bola, a turma teria que acertar a bola no alvo, que é conhecida como cesta. (DC4 – 08/10; Sala de aula);

[...] Dando sequência, a professora comentou com a turma que a atividade do dia seria um jogo baseado na aprendizagem do Handebol, ou seja, seria o handebol só que a partir do método jogo, onde seria adaptado os materiais, o alvo, o formato da quadra e o número de jogadores(as) por equipes. Explicando o esporte Handebol, a professora enfatiza que a modalidade é como se fosse um futebol, só que ao invés de jogar com o pé, se joga com as mãos. (DC5 – 13/10; Sala de aula);

[...] falou que a atividade da aula seria um jogo com base no esporte Handebol. Explicou que o Handebol é um esporte de invasão e perguntou para um aluno como se jogava, esse aluno disse que era igual futebol só que usando as mãos (DC5 – 13/10; Sala de aula);

[...] falou que o conteúdo do dia seria o futebol, porém, não seria o futebol praticado fora da escola, como é visto na televisão, a atividade para a vivência dos fundamentos da modalidade seria o jogo “Mãe da Rua”. (DC6 – 20/10; Sala de aula).

Desse modo, as aulas têm a construção de conhecimento a partir da interação e diálogo, ou seja, para aprender o esporte não é necessário apenas sua prática, mas o diálogo, com abertura de questionamentos, levantamentos de dúvidas e respostas com base no

conhecimento prévio, é uma forma de se aprender e reconstruir o conhecimento obtido. Segundo Freire (1987), o diálogo perante a busca do conteúdo programático, faz com que o educador-educando, dialógico, problematizador, possui olhar para o conteúdo programático da educação de uma forma que não seja intitulado como uma doação ou imposição, em que será unido informações para depositar nos educandos, mas sim, um olhar de revolução organizada, sistematizada e adicionada ao povo, com bases nos elementos entregues de forma desestruturada.

Dando continuidade em resultados captados, vem as situações na qual foram presenciadas na quadra poliesportiva durante a aula, onde o seu método de ensino demonstrou que a partir do momento em que houve o diálogo, a apresentação do tema envolvendo os esportes os/as alunos/as buscaram aprender nos jogos propostos pela autonomia e criticalidade:

[...] A primeira categoria dita pela professora foi o esporte de invasão, então ela contextualizou dizendo que esporte de invasão era aquele que você precisa invadir o campo do adversário e fazer uma pontuação. (DC1 – 29/09; Quadra);

[...] Os esportes esperados a serem pegos na atividade referenciando os esportes de invasão era o futsal, futebol, basquete e handebol. (DC1 – 29/09; Quadra);

[...] CO: Essa turma demonstrou maior dificuldade do que a turma anterior no fato de diferenciar as modalidades com menor ênfase tradicionalista. (DC1 – 29/09; Quadra);

[...] CO: Todos(as) estavam bem participativos no jogo, realizando comunicações e demonstrando felicidade por estar jogando. (DC3 – 06/10; Quadra).

Assim sendo, completando e fechando a questão do ensino dos esportes de invasão na Educação Física escolar, temos uma sessão que levantou as concepções da professora Roberta sobre o ensino dos esportes de invasão, em que mostrou ser alinhada com seu pensamento crítico da forma que o esporte deve ser apresentado na escola e o que suas aulas resultaram de informações:

[...] Acho que não dá para falar de esporte sem falar do jogo, porque todo esporte é uma forma de jogo, mas nem todo jogo é um esporte também (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] sempre procuro dizer para eles que o jogo é muito mais parecido com uma brincadeira, é algo mais flexível, é algo mais lúdico, mais recreativo. Mas isso não quer dizer

que seja sinônimo de bagunça, de uma brincadeira descontextualizada (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] ele serve para a gente aprender o esporte em si, mas dentro da escola, o esporte da escola e não o esporte na escola (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] O esporte da escola tem adaptações em relação às regras, em relação ao espaço, inclusive muitas vezes regras propostas pelos próprios alunos. Agora o esporte na escola já seria um esporte que é uma reprodução daquilo que acontece fora daqui e que muitas vezes não atende aos nossos objetivos (Professora Roberta - Entrevista – 16/10).

Dessa maneira, o ensino dos esportes de invasão na Educação Física escolar conta com divergências no modo de ser apresentado e contextualizado pelos professores da educação básica. Com isso, diante da análise de dados, foi notório o ensino dos esportes de invasão nos dois ambientes escolares que são, a sala de aula e a quadra poliesportiva, partindo de contextualizações feitas pela professora, participação de forma comunicativa dos/as alunos/as e a influência das atividades para responder a ideia do esporte como um jogo.

Partindo para os resultados obtidos na coleta de dados da pesquisa, nas aulas em que o esporte de invasão foi tematizado, a professora trabalhou com os/as alunos/as o Flag Football, em que teve como introdução em uma aula anterior o uso da brincadeira tradicional brasileira Pique-Bandeira. Além disso, a professora, ao longo das aulas sempre enfatizou para as turmas que iria trabalhar o esporte a partir do método do jogo, explicando suas diferenças e dizendo o porquê de ser planejado dessa maneira. Pensando nos demais esportes trabalhados, foram classificados o futebol, que a atividade proposta foi pelo jogo “Mãe da Rua”, o basquete, possuindo o desenvolvimento do jogo “Cesta Humana”, e por último, o handebol, em que foi feito o jogo dos “10 passes. Outro ponto observado, foi na aula dentro de sala de aula, a partir de um vídeo contextualizando os esportes de invasão, a presença de esportes fora do âmbito tradicional sendo evidenciados, em que deixou algumas crianças confusas de como seria praticado os mesmos. Podemos notar que foi trabalhado o esporte junto ao jogo, e apresentado modalidade não hegemônicas.

Durante o regime militar no período à partir de 1964, o ensino do esporte foi potencializado nas aulas de Educação Física com o intuito de obter resultados em competições, fazendo com que o esporte virasse sinônimo de Educação Física escolar, com aulas direcionadas para o treinamento de equipes esportivas, definindo o período esportivista. Diante disso, o conteúdo de esportes na maior parte do ensino foi especificamente voltado para quatro modalidades, que são, o basquete, futebol, handebol e vôlei (Barroso, 2020).

Dessa maneira, podemos notar que esse período reflete até hoje nas escolas brasileiras, pelo simples fato de as quatro modalidades esportivas terem sido classificadas como tradicionais, tendo a maior vivência entre as demais existentes, tornando o conteúdo do esporte de forma homogênea nas aulas de Educação Física escolar. Assim, é necessário a discussão de alguns fatores, como, o propósito da Educação Física escolar. Os objetivos das escolas e do componente curricular é de transmissão dos conhecimentos pertinentes à cultura de formato crítico e questionador, então, nessa perspectiva, a Educação Física realizando um recorte da cultura, deve-se apropriar-se dos aspectos ao corpo e ao movimento, oferecendo aos alunos a possibilidade de conhecerem e experimentarem as diversas práticas corporais criadas, reproduzidas e transformadas pelo Ser humano (Barroso, 2020).

A professora buscou trazer para suas turmas essa prática corporal, que é necessária para um conhecimento abrangente a partir dos jogos. Segundo Barroso (2020), no diálogo sobre alguns equívocos pertinentes ao ensino dos esportes em um olhar mais inovador, enfatiza que o objetivo não é a abolição do ensino do esporte na escola, mas sim, o seu tratamento de forma pedagógica.

Fazendo o uso de jogos coletivos, a professora em todas as aulas deixou explícito a diferença de esporte e jogo. A professora enfatiza que o jogo é uma maneira de incluir todos, criando as próprias regras, adaptando espaço e materiais, na qual o esporte será realizado na perspectiva da conceitualização “O esporte da escola”. O jogo possui diversas conceitualizações, mas, olhando para os jogos esportivos coletivos, deve-se compreendê-lo enquanto jogo, na qual o fenômeno jogo deve ser entendido na concepção sistematizada e complexa, na qual o ambiente (contexto) terá o papel de decidir o que é jogo ou não, ou seja, a subjetividade que condiz com a percepção, interpretação e as experiências dos/as participantes no momento desse jogar, deve-se prevalecer sobre a objetividade, que são as regras fixas e métricas (Scaglia *et al.*, 2013).

Assim, o jogo esportivo coletivo compreendido sob a ontologia do jogo, contendo como aspecto primordial a sua natureza própria como atividade, se identifica pela sua integridade livre, delimitada, regulamentada, em que conta com a incerteza, sendo improdutiva e fictícia. Então, essa natureza do jogo na perspectiva de atividade, enfatizando os jogos esportivos coletivos, que garantirá e sustentará a vontade do jogador de se entregar ao jogo (Scaglia *et al.*, 2013).

Diante disso, Scaglia *et al.* (2013) enfatiza que:

E é justamente o desejo de jogar que irá garantir que o ambiente de jogo também seja ambiente de trabalho, potencializando o que estamos chamando de ambiente de aprendizagem. Assim, diferente das concepções tradicionais de ensino, é o desejo de ao jogo se entregar que irá sustentar um ambiente de aprendizagem (p. 229).

Assim, Scaglia *et al.* (2013) dialoga que o fato principal para a aprendizagem nos jogos parte do desejo de jogar, que é primordial para a transformação do ambiente de jogo para um ambiente de dedicação. Quando o/ aluno/a se rende ao estado de jogo, haverá de sua partida a mobilização de recursos para o jogo, como, por exemplo, as habilidades, para busca um jogar de maneira mais eficaz e bem-sucedido, na qual se não houver a seriedade adquirida pelo/a aluno/a ao decorrer do jogo, a prática não é mais classificada como jogo, pois a natureza do jogo exige a presença da seriedade.

Portanto, quando olhamos para a prática pedagógica da professora Roberta, é notório que o jogo ali presente está sendo praticado de forma voluntária pelos/as alunos/as, na qual a professora não o aplica de forma “forçada”, exigindo de maneira invasiva que o/a aluno/a se entregue ao jogo proposto, mas sim, o/a aluno/a que vai em busca de se entregar ao conteúdo.

5.3. Os procedimentos didático-pedagógicos de uma professora com perspectivas inovadoras

Para realizar unidades didáticas e ensinar os alunos, há a necessidade de que o(a) professor(a) faça um planejamento, e a partir desse planejamento pense nos seus objetivos para cada aula dentro de um tema proposto do conteúdo.

Com isso, foi possível a partir da entrevista com a professora Roberta e da análise dos diários, levantar informações sobre sua prática pedagógica. Desse modo, apresentaremos primeiro as respostas da entrevista sobre o seu planejar:

[...] Em relação ao planejamento, eu procuro seguir sempre aquilo que o currículo paulista e a BNCC propõem (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] Em todos os anos, no início do quarto bimestre, eu procuro apresentar para eles a classificação dos esportes como um todo; apresento as sete categorias que fazem parte dela e aí depois a gente procura focar nas duas categorias que são abordadas com mais ênfase nesses últimos meses de cada ano. (Professora Roberta - Entrevista – 16/10).

Nessa maneira, o processo educativo está baseado na perspectiva de planejamento da professora, em que utiliza de uma práxis flexível, ou seja, utiliza de documentos curriculares para depois estruturar com base na sua realidade o que será aplicado ou não. Segundo Freire (1996) em *Pedagogia da Autonomia*, ele traz uma ideia do ensinar exigindo respeito aos educandos:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (Freire, 1996, p. 15).

Com isso, possuindo o olhar voltado a Educação Física escolar, o respeito de práxis flexível seria no fator desse conhecimento dos(as) alunos(as) em fator da prática, o conhecimento de repertório motor, pois, o aprender vai além da teoria, mas a prática usando das práticas corporais tem como papel importante o desenvolvimento dos conteúdos da Educação Física no ambiente escolar.

Sobre o planejamento do ensino dos esportes de invasão ela enfatizou que busca levar um jogo/brincadeira que os/as alunos/as já conhecem e praticam ao decorrer da infância, mas fazendo que esse jogo seja semelhante ao conceito de invadir o lado do adversário como objetividade, assim, uma desses jogos/brincadeiras utilizado para a introdução ao conceito de invadir o campo do adversário foi o Pique-Bandeira, sendo um jogo/brincadeira tradicional na cultura brasileira e condiz com a semelhança do princípio dos jogos de invasão em invadir o campo do adversário para pontuar:

[...] Planejando a sequência didática dos esportes de invasão, eu pensei inicialmente no Pique-Bandeira porque é um jogo que já faz parte do cotidiano deles (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] E, a partir desse jogo, ir acrescentando regrinhas que vão ser cobradas na aula futura, na aula seguinte. Então, na primeira aula, por exemplo, eles começam com o Pique-Bandeira da forma tradicional, tentando roubar o cone. E aí, depois, mais para o final da aula, ao invés deles roubarem o cone, eles têm que levar o cone até a área do time adversário. E essa tarefa já é uma tarefa que está relacionada ao flag football (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] de forma geral, não só pensando nos esportes de invasão, mas também pensando nos outros conteúdos que eu trabalho, sempre procuro começar por um jogo que eles já conhecem, que já faz parte do repertório deles e depois ir acrescentando regras novas e também ir retomando regras que já foram usadas em aulas anteriores aos jogos novos que a gente vai fazendo (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] Então, apresentar conteúdos novos, jogos novos, mas também tentando usar uma regra ou alguma aprendizagem que aconteceu na aula anterior e que pode ser proveitosa para a aula seguinte ou para a aula que está sendo realizada (Professora Roberta - Entrevista – 16/10).

Assim, é nítido que um dos processos educativos é o ensino com o uso da formação pela interconexão de saberes e convívio, pois, a professora Roberta enfatiza que usa de um jogo tradicional brasileiro para trabalhar a introdução de um esporte, portanto, os/as alunos/as podem interconectar o que já foi aprendido em uma prática que estão aprendendo ou ainda vão aprender.

Desse modo, há uma explicação sobre seu método de estruturação das aulas:

[...] é um formato que eu uso em todas as aulas, independente do conteúdo. Então, em todos os anos, eu sempre procuro começar a aula retomando o que foi feito na aula anterior, para tentar reforçar um pouquinho as aprendizagens e fixar o conteúdo (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] a gente sempre acaba refletindo e retomando o que aconteceu na aula anterior nesse primeiro momento. Aí sim, depois, eu procuro contextualizar com eles o que a gente vai fazer em quadra, combinar também as regras e deixar bem claro o que a gente vai fazer lá fora, para que chegando em quadra, eles já tenham consciência do que vai ser feito e para também tentar responder as expectativas (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] eu prefiro realizar esse momento inicial em sala, porque eles estão em teoria mais concentrados, cada um no seu lugar e isso evita um pouco a conversa e a distração. Às vezes eu faço uso da lousa, o que não é possível lá na quadra, e também uso do computador e da TV (Professora Roberta - Entrevista – 16/10).

Porém, nem tudo acontece da forma como foi planejado, ocorrendo alguns equívocos:

[...] O que me frustra muitas vezes é que eu acabo gerindo o tempo com uma certa dificuldade. Às vezes demoro um pouco além do previsto na sala para essa parte inicial e aí depois eu tento compensar na parte prática lá da quadra (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] às vezes eu deixo extrapolar muito tempo e aí não dá para finalizar a aula como eu gostaria, com uma parte mais reflexiva (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] eu gostaria de ouvir bem mais os alunos do que eu tenho oportunidade de ouvir justamente por causa dessa gestão do tempo (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

Em seus planos de aula, a professora Roberta procura deixar os(as) alunos(as) terem autonomia tanto na perspectiva teórica, quanto na prática. Na prática é relacionado a separação de equipes nos jogos, em que algumas aulas houve equipes apenas de meninos e equipes apenas de meninas:

[...] Nos momentos que isso aconteceu, eu deixei que eles se dividissem. Geralmente isso acontece. Geralmente os meninos gostam de competir contra os meninos e as meninas contra elas (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] E às vezes eu até deixo que eles escolham os times, mas eu deixo claro antes: vocês podem escolher, mas eu quero times mistos. Ai sim, eles montam os próprios times, porém mesclando os dois gêneros (Professora Roberta - Entrevista – 16/10).

Essa autonomia, dá ao/a aluno/a um dos princípios defendido pelo jogo, em que o protagonismo vem do/a praticante, eles/as que vão decidir e fomentar o que será realizado ao decorrer do jogar. Mas, a intervenção da professora nessas situações é necessária, pois na prática, conhecendo suas turmas, às vezes pode ser que esse princípio não se enquadre no processo todo, pois, dependendo da divisão das equipes, pode ter a quebra do jogo ser praticado de forma voluntária e conter com o desejo por parte do/a aluno/a de apresentar um empenho maior.

Assim, há desafios no trabalho docente referente ao conteúdo do esporte, em que a professora Roberta apresentou alguns dos desafios que enfrenta no cotidiano. Algum desses desafios vem da influência do começo da Educação Física escolar, em que eram esportes hegemônicos, que ganharam predominância no cenário cultural do país, e hoje por influência das gerações, vem a ser um paradigma a ser quebrado de forma que não ocorra abolição, mas sim, um leque para o acompanhamento de outras modalidades:

[...] O principal desafio ainda é a insistência deles em jogar sempre futebol. Eles focam muito no futebol, principalmente os meninos. Então, geralmente quando eu pergunto qual o esporte de invasão que eles conhecem, a primeira resposta que vem sempre é o futebol (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] a molecada sempre pede para jogar futebol porque é algo que acontece às vezes em outra escola ou que às vezes acontece nos momentos de recreação deles (Professora Roberta - Entrevista – 16/10).

Então, com base nessa reflexão dos seus desafios, citou o porquê e para que o professor deve ser crítico e criterioso em suas unidades didáticas e não deixar ser levado pelo tradicional, o padrão que favorece uns, mas vem a prejudicar a evolução e aprendizagem da maioria:

[...] desde o primeiro ano, a gente tenta trabalhar com eles que a educação física não se limita só a jogos de invasão, os tradicionais, futebol, basquete e handebol. E que além de não se limitar aos esportes de invasão e ao futebol, tem muitas outras práticas que fazem parte da educação física. E que é preciso trabalhar para que fora daqui eles possam usufruir do conteúdo e praticar sozinhos com autonomia e independência (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] o professor de educação física também tem essa missão de apresentar outras práticas corporais e inclusive outros esportes de invasão para que eles aumentem o repertório motor deles e conheçam outras práticas que não são tão populares, mas que também podem ser tão prazerosas quanto o futebol e tanto quanto os esportes de invasão (Professora Roberta - Entrevista – 16/10).

Desse modo, o jogo quando se torna um mediador entre a criança e o esporte, com o auxílio do professor, dispõe ao professor a capacidade de transformar a criança para uma prática adequada de esporte coletivo, desenvolvendo sua aprendizagem por uma pedagogia e métodos que reconhecem a participação da criança. (Galatti, 2008).

Sobre o ensino dos esportes de invasão a partir dos esportes hegemônicos, em que é comum essa predominância de alguns esportes específicos na escola, pelo fato de que pode ser baseado em determinados equívocos dos docentes, que segundo Barroso (2020), pode ser fatores como, o/ professor/a ter vivenciado em sua vida apenas essas modalidades, como pode ter sido um/a ex-atleta, ou até mesmo no processo de formação acadêmica o currículo da

instituição apresentou apenas esses esportes nas disciplinas. Assim, a professora Roberta deu as seguintes respostas:

[...] nos anos iniciais, em relação a outros conteúdos, eu nunca enfrentei problema quando eu saí da questão dos esportes mais tradicionais. Porque são crianças, e as crianças, por si só, gostam de brincar (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] como a aula de Educação Física tem esse ponto positivo de poder ensinar por meio do jogo, da brincadeira, eles sabem que têm a oportunidade de aprender brincando (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] de qualquer forma, a aula acaba sendo prazerosa, mesmo que a gente não trabalhe com apenas os esportes mais tradicionais (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] eles são receptivos, eles topam tudo, topam até demais. Inclusive, às vezes, a gente apresenta para eles algo que eles nunca jogaram e que eles não faziam ideia que pudesse ser tão legal quanto o futebol ou o basquete, como aconteceu no flag football, que a gente tentou adaptar para o ambiente escolar e que eles aceitaram prontamente e até curtiram a atividade (Professora Roberta - Entrevista – 16/10).

Nesse fato, a Educação Física tem como dever se responsabilizar da tarefa de trabalhar as práticas corporais como conteúdos escolares, compreendo o esporte como um conteúdo dentre os demais, e não especificamente, pelo simples fato dos jogos, as ginásticas, as lutas, as práticas corporais de aventura serem fragmentos da totalidade que o componente curricular contém como responsabilidade (Barroso, 2020). Desse modo, é nítido que a professora Roberta enquadra seu planejamento na perspectiva inovadora, pois, além de trazer o esporte apenas como mais um conteúdo dos componentes curriculares, ela busca apresentar modalidades dos esportes de invasão que possuem menor visibilidade no ambiente educacional e na cultura brasileira, como o Flag Football.

Para finalizar, falou sobre o que acrescentaria em sua sequência didática, pois apresenta algum desses fatores de forma verbalizada ao decorrer das situações e acha que seria necessário aulas específicas para chamar a atenção dos/as alunos/as, pois nos momentos que são feitas as verbalizações, está ocorrendo outras situações de forma simultânea:

[...] Se eu pudesse, também acrescentaria talvez duas ou três aulas a mais na sequência didática. Por exemplo, uma sobre a lógica externa, porque eu trabalhei sobre a lógica interna durante a sequência toda, mas às vezes surgem algumas situações durante as aulas que vão além do jogo ou que está repercutindo na mídia e nas redes sociais e que está

na boca dos alunos e que a gente pode aproveitar para trabalhar com eles (Professora Roberta - Entrevista – 16/10);

[...] Eles gastam muito tempo discutindo sobre a questão de trapaça e jogo leal, jogo limpo, do que discutindo e refletindo sobre as estratégias que eles estão usando durante os jogos, o que eles poderiam melhorar em relação a isso, enfim. Então eu acrescentaria, por exemplo, uma aula sobre fair play, jogo limpo (Professora Roberta - Entrevista – 16/10).

Portanto, mesmo levando para as suas aulas princípios de cidadania, quando diz da importância dos(as) alunos(as) compreenderem que não há necessidade de discussões e trapaças nos jogos realizados, que o objetivo não é o ganhar, mas sim aprender e vivenciar o esporte de uma forma mais flexível e inclusiva, a professora gostaria de aplicar aulas especificamente sobre os determinados assuntos. Segundo Galatti (2008), o esporte é visto como um fenômeno sociocultural, ou seja, além das regras e técnicas presentes no jogo, o esporte é produzido e reproduzido por valores, histórias e relações pessoais. Desse modo, o esporte como um fenômeno sociocultural, possui dois referenciais a serem tratados dentro dele, que são, o referencial técnico-tático e o sócio-educativo. O sócio-educativo que tem mais relação com o fator pontuado na categoria, há como objetivos a promoção de discussão de princípios, valores e modos de comportamento, na qual propõe a troca de papéis, fazendo que o indivíduo se coloque no lugar do outro, havendo a promoção da participação, inclusão, diversificação e co-educação e a autonomia (Galatti, 2008).

6. CONCLUSÃO

Com base nos resultados e discussão da pesquisa, podemos concluir que a prática pedagógica da professora de Educação Física é de uma perspectiva inovadora no ensino dos jogos de invasão, pois, é notório que seu planejamento e intervenções pedagógicas condizem com os processos educativos desenvolvidos.

Diante das aulas observadas e a entrevista realizada, é nítido que há o rompimento da metodologia tradicional de ensino em suas aulas, pelo fato de que não segue a aplicabilidade de apresentar apenas os esportes hegemônicos e o método tecnicista, como, por exemplo, futebol, basquete e handebol, apresentando outros esportes de invasão, como o Flag Football em que contou com a parte teórica e prática de vivência, e outros esportes apenas no método teórico por vídeo apresentado em sala de aula, nas quais foram, o futebol, o basquete, o handebol, o futebol americano, o frisbee, hóquei na grama, rúgbi, futsal, floorball e polo aquático. Com isso, seu comprometimento nesse aspecto pensando em processos educativos é levar o/a aluno/a compreender e aprender sobre diferentes modalidades, seu método de jogar que já envolve uma cultura de prática corporal com algumas diferenças do que já conhecem e a maneira de adicionar as modalidades de forma adaptadas em suas práticas fora do convívio escolar.

Além disso, em suas práticas pedagógicas nas atividades pelo método do jogo, sua intencionalidade é passar jogos que venham usufruir da tática-cognitiva e técnica não apenas para a aprendizagem dos gestos técnicos, aprender a tática de forma abstrata, mas para que os/as alunos/as aprendam esses princípios do jogo de forma que os processos educativos perpassem na ideia de resolverem os sub-problemas presentes nos jogos de invasão entendendo o que o ambiente estava exigindo e propondo para solucionarem, em que o jogar se tornou um momento de trocas de interações e construção de conhecimentos críticos para solucionarem situações-problemas usando da individualidade como pré-requisito de uma construção coletiva e cooperativo, resultando em um conteúdo tratado de forma contextualizada, significativa e inclusiva. Ou seja, essa visão de ensinar relações interpessoais, a cooperação, a inteligência a partir do jogo, traz aos/as alunos/as uma aprendizagem complexa e diversificada na qual podem utilizar desse entendimento de trabalho coletivo e se colocarem no lugar do/a colega em diferentes momentos da vida, seja na escola ou fora dela.

Outro ponto que deve ser levantado, é a ideia de os/as alunos/as terem autonomia de participarem de forma voluntária das aulas, na qual o jogo vem com a presença dos aspectos lúdicos para o desenvolvimento da atividade, fundamentando-se nas características do prazer,

da criatividade e na liberdade de movimento, abolindo o método da alta performance, em que é caracterizado pela instrumentalização, sofrimento e como citado, a obrigatoriedade de participação, em que há abertura para a construção de conhecimento a partir de diálogos, questionamentos e levantamentos de dúvidas, pois, o/a aluno/a podendo ter voz de impor suas opiniões é de suma importância para que saibam e criem o hábito de se posicionarem defendendo seus pontos de vista, o que possuem de entendimento, e sobretudo, aprendam a ouvir o próximo e saibam dialogar de forma respeitosa.

Sobre os procedimentos pedagógicos-didáticos da professora, a sua maneira de planejar as aulas e estruturá-las é com base em documentos curriculares, porém, de forma que utiliza de uma práxis flexível, usando o que é proposto no documento curricular, mas respeitando a realidade em que está inserida, trazendo a unidade didática para os/as alunos/as e não elaborando com base em seus gostos e vontades.

Portanto, conclui-se que a professora tem sua proposta que não se enquadra nas duas categorias de González (2020) de “abandono do trabalho docente” ou “práticas tradicionais”, mas sim na categoria de “práticas inovadoras”, na qual procura sempre planejar e questionar de forma crítica os conteúdos, usando das perguntas pedagógicas “Para que?”; “Para quem?”; “Por que?”; “Como?”. Ademais, enfatizando a Educação Bancária, a professora vai no caminho contrário de uma proposta pedagógica bancária. Paulo Freire (1987), discorre em seu livro “A concepção <<bancária>> da educação como instrumento da opressão. Seus pressupostos, sua crítica” o fato da relação educador-educandos, em que há casos de o educador ter um papel de narrador e os alunos de ouvintes, ou seja, o educador “enche” os educandos de conteúdos partindo de sua narração, sendo que esses conteúdos são partidos da realidade desconectando da totalidade em que planejam e na sua perspectiva ganhariam significados. Assim, no caso da professora Roberta, a mesma se enquadra no perfil de educadora-educanda que traz para seu ambiente de trabalho o diálogo, a problemática, na concepção de criar um ambiente de revolução organizada e sistematizada em que os/as alunos/as são participantes-colaboradores e não apenas ouvintes.

Desse modo, essa pesquisa com a professora inovadora me trouxe grandes questionamentos sobre os métodos de ensino dos esportes dentro e fora da escola, e além disso, me mostrou o quão enriquecedor e vantajoso é a aplicabilidade do olhar inovador, pois, quebra a tradição do “rola bola” na qual vivenciei minha educação básica inteira, e proporciona os/as alunos/as independente dos seus graus de habilidades a oportunidade de vivenciar os esportes a partir de jogos envolvendo os aspectos lúdicos, deixando o/a aluno/ ser o/a protagonista no momento, e ensinando que vai além do jogar, que a comunicação, o respeito e colaboração interpessoal está acima de todas as circunstâncias. Assim, comparando

com meu caso, acredito que se tivesse a presença de uma educadora inovadora no meu período escolar, meu conhecimento sobre a Educação Física no geral teria sido mais benéfica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. B. de; OPPA, D. F.; MORETTI-PIRES, R. O. Estudo de caso. In: SANTOS, S. G. dos; MORETTI-PIRES, R. O. **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplicada à Educação Física**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012. p. 143-148.
- BARROSO, A. L. R. Inquietações no tratamento do esporte na Educação Física escolar. In: ALBUQUERQUE, D. I. de P.; DEL-MASSO, M. C. S. (Org.). **Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. Cap. 5, p. 83-104
- BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Notas de campo. In. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. p. 150-175.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALATTI, L. R.; FERREIRA, H. B.; SILVA, Y. P. G. da; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. **Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 6, ed. especial, p. 397-408, jul. 2008. ISSN 1983-9030.
- GARGANTA, J. Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Colectivos. In: **O Ensino dos Jogos Desportivos**. [S. l.]: FCDEF-UP e CMP, 1994. p. 11-23.
- GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.
- GONZÁLEZ, F. J. Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. In: ALBUQUERQUE, D. I. de P.; DEL-MASSO, M. C. S. **Desafios da educação física**

escolar: temáticas da formação em serviço noProEF [recurso eletrônico]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. pp. 130-148

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V.; CAPARROZ, F. E.; FENSTERSEIFER, P. E. Sentidos e significados do ensino do esporte na educação física escolar: deslocamentos históricos e proposições contemporâneas. In: MARINHO, A.; NASCIMENTO, J. V. do; OLIVEIRA, A. A. B. (org.). *Legados do esporte brasileiro*. Florianópolis: Editora da UDESC, 2014. p. 121-151.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

OLIVEIRA, M. W. de; SILVA, P. B. G. e; GONÇALVES JUNIOR, L.; MONTRONE, A. V. G.; JOLY, I. Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 9, n. 4, p. 110-123, 2014

OLIVEIRA, M. W.; SILVA, P. B. G.; GONÇALVES JUNIOR, L.; MONTRONE, A. V. G.; JOLY, I. Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, M. W.; SOUSA, F. R. (org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 29-46.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S.; LEONARDO, L.; RAMIREZ LIZANA, C. J. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 227-249, out./dez. 2013.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****(Resolução CNS 510/2016)****O ENSINO DOS JOGOS DE INVASÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DE UMA PROFESSORA INOVADORA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Eu, Evando Ferreira Simão, estudante do curso de Graduação em Licenciatura em Educação Física da *Universidade Federal de São Carlos – UFSCar* a convido a participar da pesquisa “O ensino dos jogos de invasão nas aulas de Educação Física de uma professora inovadora nos anos iniciais do ensino fundamental” orientada pelo Prof. Dr. Osmar Moreira De Souza Junior.

O ensino dos jogos de invasão ou demais conteúdos muitas vezes não são apresentados com planejamento, por fatores relacionados ao abandono docente, prática popularmente conhecida na Educação Física como “rola bola”. No sentido de buscar alternativas para essa prática recorrente, o objetivo geral do presente estudo é compreender a prática pedagógica de uma professora de Educação Física inovadora no ensino dos Jogos de Invasão. O objetivo específico é identificar e analisar quais processos educativos emergem do planejamento de ensino da professora de Educação Física nos jogos de invasão.

Você está sendo convidada para participar da pesquisa, por ser considerada por nós uma professora inovadora em sua atuação docente na disciplina de Educação Física. A pesquisa adotará um referencial qualitativo, do tipo Estudo de Caso, na qual realizaremos observação participante de suas aulas com turmas de 4º ano do Ensino Fundamental, com registros em Notas de Campo. Após essas observações, realizaremos uma entrevista com perguntas semiestruturada, discorrendo sobre sua atuação docente, sobretudo no ensino dos jogos de invasão. Tomaremos todos os cuidados éticos neste processo de produção de dados, preservando o sigilo de sua identidade e, neste sentido você poderá selecionar um nome fictício para identificação.

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação Física, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades para o trabalho dos profissionais de Educação Física na escola. O aluno pesquisador realizará o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho.

As perguntas não serão invasivas à sua intimidade, entretanto, esclarecemos a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvem as próprias ações e constrangimento e intimidação. Você terá garantidas pausas na entrevista caso julgue necessário, bem como a liberdade de não responder às perguntas quando as considerar constrangedoras, podendo interromper a entrevista a qualquer momento.

Solicitamos sua autorização para gravação em áudio da entrevista. A gravação realizada durante a entrevista semiestruturada será transcrita pelo aluno pesquisador. Depois de transcrita será apresentada a você para validação das informações.

A participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro pela contribuição. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seus consentimentos. A recusa ou desistência não lhes trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação ao pesquisador, com a instituição em que trabalha ou com a Universidade Federal de São Carlos. Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes que possam gerar conflitos éticos, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação. Caso prefira que utilizemos seu próprio nome no texto da pesquisa, renunciando à confidencialidade garantida por nomes fictícios, você pode indicar esta opção ao final do documento.

Solicitamos sua autorização para a participação com observação participante nas suas aulas de Educação Física de uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental que serão registradas pelas notas de campo.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Dados para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável:

Osmar Moreira de Souza Júnior

Endereço:

Contato telefônico: - E-mail:

Dados do estudante pesquisador assistente:

Evandro Ferreira Simão

Endereço: _____

Contato telefônico: _____ E-mail: _____

Quanto ao uso de nome fictício:

- Prefiro que utilizem meu próprio nome
- Prefiro que criem um nome fictício para ser utilizado no lugar do meu nome
- Prefiro que utilizem um nome fictício sugerido por mim, conforme sugerido:

Nome fictício sugerido: _____

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data: São Carlos, 15 de outubro de 2025.

PESQUISADOR PRINCIPAL
Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior

ESTUDANTE PESQUISADOR
Evandro Ferreira Simão

PARTICIPANTE

APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Entrevista Semiestruturada

1. Qual a sua opinião sobre a classificação dos esportes adotada pela BNCC e o Currículo Paulista, e como você costuma planejar sua prática pedagógica para o ensino dos esportes de invasão?
2. Com base nas observações de suas aulas, foi notado que você inicia as aulas com uma conceitualização do tema planejado e depois faz com que os(as) alunos(as) realizem uma vivência. Todas as suas aulas são nesse formato ou há outro formato de intervenção utilizado? E qual resultado é visto nesse contexto?
3. Quais são os principais desafios que você enfrenta ao trabalhar com jogos/esportes de invasão na escola?
4. Você gostaria de fazer algum complemento que considere importante sobre o seu planejamento e ensino dos jogos/esportes de invasão nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

APÊNDICE C – DIÁRIOS DE CAMPO

Diário de Campo 1

Título: Colaboração

Data: 29/09/2025

Horário: 14h15 – 16h15

Educadora participante: Professora Roberta

Participantes presentes: 4° E: 22 alunos e 4° F: 23 alunos

Responsável pelo diário: Evandro Ferreira Simão

No dia 29 de setembro de 2025 foi iniciada a coleta de dados para a pesquisa cujo tema é “O ensino dos jogos de invasão nas aulas de Educação Física de uma professora inovadora nos anos iniciais do ensino fundamental”, acompanhando duas turmas do 4° ano do Ensino Fundamental. As aulas foram no período da tarde das 14h15 às 16h15.

Chegando na escola às 13h48, em um dia ensolarado, a entrada foi feita pelo portão principal da secretaria da escola, na qual entrando no mini saguão da secretaria houve a recepção da secretaria. Ela recepcionou de maneira educada e disposta a ajudar, liberando minha entrada no ambiente interno da escola. Após entrar, fui até a professora de Educação Física que estava dando aula em uma turma do 2° ano, então, fiquei esperando dar o horário da aula dos 4° anos que seria logo em seguida acompanhando o final da aula do segundo ano.

Iniciando a aula no 4° ano E às 14h18, a professora entrou na sala de aula, apresentou eu para os(as) alunos(as) dizendo que estava ali para acompanhar as aulas de esportes de invasão e que seria para uma pesquisa envolvendo a faculdade em que estudava. Terminando essa breve apresentação, a professora perguntou aos(as) alunos(as) se ficou alguma dúvida referente as aulas do conteúdo de ginástica geral, que poderiam praticar a ginástica agora fora do ambiente escolar, sendo em casa, espaços de lazer, praças, em casa, usando materiais adaptáveis.

Logo após, começou o conteúdo de esportes de invasão com a docente perguntando para a turma quais esportes de invasão eles(as) conheciam. A maior parte da turma falou os mesmos esportes, como, o futebol, futsal, basquete, já um outro aluno falou esportes que não eram da categoria, como, por exemplo, o vôlei. Uma aluna no meio dessas falas disse “Pique-Bandeira”, onde a professora já interveio explicando para ela e o restante da turma que há diferença entre esporte e brincadeira, esporte e jogo. A sua fala sobre a diferença foi breve,

comentando que no esporte há regras a serem seguidas, uma organização que regula e planeja como deve ser seguida a modalidade, além de ser algo muito disputado e que os materiais são pré-estabelecidos, enfatizando o esporte da televisão. Já os jogos e brincadeiras, relatou que pode haver mudanças nas regras, que podemos criar nossas próprias regras, pode-se utilizar materiais adaptados, enfatizando o esporte da escola.

Dando continuidade nessa parte dentro da sala de aula, foi passado aos(as) alunos(as) um vídeo no youtube que o tema era “as 7 categorias do esporte”, apresentando e conceituando os esportes de marca, precisão, rede/parede, invasão, campo e taco, técnico combinatório e combate. Todos(as) os(as) alunos(as) prestaram atenção no vídeo e não fizeram nenhuma anotação no caderno por instrução da professora. Finalizando o vídeo, a professora pediu que a turma se dividisse em 4 equipes de 5 ou 6 pessoas, e fossem para a quadra realizar a atividade planejada.

Chegando na quadra, foram formadas 4 equipes, em que 3 foram compostas por 5 alunos(as) e 1 equipe composta por 6 alunos(as). Foi notado que duas equipes foram formadas apenas por meninas, e nas outras duas turmas estiveram presentes apenas uma menina e a predominância foi masculina. Para iniciar a aula, foi instruído que os(as) alunos(as) fizessem um aquecimento de alongamento enquanto a professora terminava de montar a atividade na quadra, na qual formaram uma roda e um aluno foi no meio da roda realizar um exercício, fazendo exercícios como flexão de braço e polichinelo. Acabando de montar a atividade, a professora reuniu os(as) alunos(as), entregou coletes para equipe (vermelho, verde, amarelo e azul) e explicou a atividade e seu objetivo. A atividade era uma corrida em grupo (mas iria um de cada vez) em direção aos pneus que estavam posicionados próxima a área do futsal, ou seja, cada equipe tinha seu pneu e a equipe ficava posicionada próxima a outra área do futsal. Em cada pneu tinha nomes dos esportes das 7 classificações apresentadas no vídeo, portanto, a professora falava uma categoria de esporte, por exemplo, esporte de Invasão, e os(as) alunos(as) teriam que ir até o pneu um de cada vez, pegar um papel que estivesse escrito um esporte de invasão e retornava. A primeira equipe que completasse 4 esportes da categoria dita, ganhava a atividade.

CO: Uma aluna não participou da aula porque estava se sentindo mal de saúde.

CO: Também consegui observar que as equipes eram compostas sendo a: vermelha por (5 meninos e 1 menina); Verde (6 meninas); Azul (5 meninas); Amarela (5 meninos e 1 menina).

CO: Durante a atividade, deu para notar que essa turma era bem comunicativa entre eles e crítica sobre o que é esporte e quais eram as classificações.

A primeira categoria dita pela professora foi o esporte de invasão, então ela contextualizou dizendo que esporte de invasão era aquele que você precisa invadir o campo do adversário e fazer uma pontuação. Após a explicação breve, começou a caça aos papéis, as quatro equipes debatiam se pegavam os esportes corretos, chamava a professora para conferir, e voltavam para trocar o papel caso não estivesse certo, com isso, terminando essa primeira categoria com a turma vermelha acertando todas e a amarela acertando também todas logo em seguida. A turma azul e verde errou apenas um esporte. Os esportes esperados a serem pegos na atividade referenciando os esportes de invasão era o futsal, futebol, basquete e handebol.

A segunda categoria era os esportes técnico combinatório em que a professora explicou que era uma modalidade onde ganhava pontos quem apresentasse movimentos e vence o atleta que fizer a maior nota, durante o decorrer dessa categoria o aluno 1 perguntou “o que é triátlon?” e o aluno 2 “o que é críquete?” para a professora. Ela respondeu que triátlon é uma competição que o atleta faz atletismo, ciclismo e natação tudo junto, e o críquete um esporte de campo e taco. Nessa categoria a equipe vermelha ganhou acertando todas as modalidades, que eram, a ginástica rítmica, ginástica artística, skate e surfe. A terceira categoria já iniciou logo em seguida, sendo os esportes de combate, em que foi enfatizado como um esporte de contato contra um oponente, uma luta, a equipe verde foi quem venceu essa categoria por chegar primeiro e acertar todos os esportes, sendo o boxe, jiu-jitsu, muay thai, judô, karatê e esgrima. Na quarta categoria, foi escolhido os esportes de marca, conceituado como o esporte que vence aquela pessoa que apresenta a melhor marca, como, por exemplo, correr mais rápido, levantar maior peso, nada mais rápido. Com isso, não houve nenhuma pergunta dos(as) alunos(as) e a equipe vencedora foi a azul, completando os esportes esperados, a natação, ciclismo, atletismo e triátlon. A equipe verde até chegou em primeiro, porém não acertou todos os esportes e teve que voltar.

Na quinta e antepenúltima categoria, foram os esportes de rede/parede onde a professora apresentou como aquele esporte que necessita de uma parede para rebater ou de uma rede para a bola passar por cima e cair no campo do adversário para pontuar. O azul ganhou novamente, acertando os esportes esperados, sendo o vôlei, tênis, tênis de mesa e badminton. A penúltima categoria apareceu os esportes de precisão, enfatizados como esportes que necessitam de uma boa mira, sendo escolhidos a sinuca, golfe, boliche, tiro no

arco, tendo a equipe vermelha como vencedora. E, por último, a sétima categoria tendo os esportes de campo e taco, na qual a professora deixou no final pelo fato dos alunos terem uma dificuldade de diferenciá-los, sendo escolhidos apenas três modalidades, que são, o críquete, softbol e beisebol.

Fechando nessa última categoria a aula foi encerrada às 15h06.

CO: A didática da professora durante a aula foi de clareza e sempre tirando as dúvidas dos(as) alunos(as).

Entrando na sala de aula da turma 4º ano F, a aula começou às 15h30 após o intervalo de 15 minutos aproximadamente. A professora iniciou a aula igual na turma anterior, explicando o motivo da minha presença nas aulas e se algum(a) aluno(a) ficou com dúvida referente ao tema passado. Nessa turma disse também que podem praticar a ginástica fora da escola, usando espaços de lazer, praças, a própria casa, além de adaptar materiais.

Partindo para o tema da aula que era os esportes de invasão, a professora também perguntou quais os esportes de invasão a turma conheciam, com a maioria da sala falando futebol, vôlei, futsal, pique-bandeira, pega-pega, basquete, futebol americano, fazendo com a professora explicasse a diferença de esporte x jogo; esporte x brincadeira. Para essa turma, foi ensinado que esporte é aquele que passa na TV, algo mais rígido, com presença de organização superior que organiza e dita as regras, regulamentam a modalidade, por exemplo, o futebol, o futebol da TV não é o mesmo que se joga na escola, ou na rua, porque a modalidade esportivizadas tem que estar uniformizado, começa e iniciar com as regras impostas. Já os jogos, podem mudar as regras, tem mais alterações, é mais flexível, pode se jogar em diferentes ambientes. Assim, apresentou o vídeo das 7 categorizações dos esportes para a turma, onde nenhum(a) aluno(a) também não fez anotações no caderno. Após o vídeo, pediu que os(as) alunos(as) formassem 4 equipes com 5 ou 6 pessoas em cada time.

Chegando na quadra para a atividade, não houve aquecimento igual na turma anterior por conta do tempo curto, porém, a atividade já estava montada por ter sido feita na turma anterior. Então, a atividade foi a mesma com os mesmos objetivos e regras que a do outro 4º ano, porém, nessa turma a professora exigiu apenas 3 modalidades de cada categoria. As equipes foram compostas por 3 equipes contendo 6 pessoas e 1 equipe contendo 5 pessoas. As cores foram as mesmas, sendo azul, vermelha, amarela e verde.

CO: Nesta turma observo que as equipes foram compostas da seguinte forma: a equipe vermelha só por meninas (6 meninas); a equipe azul só por meninos

(6 meninos); a equipe amarela foi mista (3 meninas e 2 meninos); equipe verde só por meninos (6 meninos).

CO: Na equipe amarela uma menina só participou na parte de discutir com o grupo se havia acertado os esportes, porque ela não iria participar da parte de correr até o pneu por não estar de tênis. Pelo relato da professora, a aluna já foi avisada várias vezes para ir de tênis e não obedece a essa instrução.

Durante a atividade, a professora seguiu as seguintes sequências de categorização: 1º Invasão; 2º Precisão; 3º Rede/Parede; 4º Combate; e na 5ª categorização foi diferente do que a turma anterior, pois nessa por conta do tempo curto, ela pediu que na quinta fase/categorização eles procurassem 1 esporte de campo e taco, 1 esporte de marca e 1 esporte técnico combinatório. Na segunda categorização, que foi a de precisão, um aluno pegou o papel escrito críquete e perguntou para a professora o que seria, a professora logo respondeu que seria um esporte de campo e taco.

CO: Essa turma demonstrou maior dificuldade do que a turma anterior no fato de diferenciar as modalidades com menor ênfase tradicionalista.

CO: Essa turma não levou em consideração o fato de que era uma corrida individual para pegar o papel, em alguns momentos em que a disputa foi mais severa para ganhar, todas as equipes estavam indo em dois para se ajudarem, mas a professora interveio falando que era apenas um por vez.

CO: Essa adaptação na quinta categorização foi interessante e eficaz, pois não deixou o conteúdo pela metade e ajudou os(as) alunos(as) compreenderem mesmo assim as classificações apresentadas.

Portanto, acabando a aula na 5ª categorização, a professora retornou os(as) alunos(as) para a sala de aula e foi encerrada a coleta/observação nesse primeiro dia de pesquisa na escola. A aula foi encerrada às 16h14.

Diário de Campo 2

Título: Pique-Bandeira como jogo de invasão

Data: 01/10/2025

Horário: 12h35 – 13h25

Educadora participante: Professora Roberta

Participantes presentes: 4º D: 24 alunos.

Responsável pelo diário: Evandro Ferreira Simão

No dia 1 de outubro de 2025 foi realizado o segundo dia da coleta de dados para a pesquisa, acompanhando uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental. A aula foi no período da tarde da 12h35 às 13h25.

Chegando na escola às 12h32, a entrada foi realizada pela secretaria, pois no portão dos(as) alunos(as) não é indicado usar. O dia estava ensolarado. Após, entrar na escola, fui até as salas dos professores para se encontrar com a professora Roberta e acompanhá-la até sua sala de aula, em que seria na sala da turma do 4º ano D.

Chegando na sala do 4º ano D às 12h38 para iniciar a aula, a professora esperou todos se acomodarem em seus lugares. Passando esse tempo para se acomodarem, a professora me apresentou para os(as) alunos(as) dizendo que estava ali para acompanhar as aulas de esportes de invasão e que seria para uma pesquisa envolvendo a faculdade em que estudava. Com isso, foi dado início ao tema do dia.

Antes de falar sobre os esportes de invasão, a professora lembrou as 7 categorizações de esportes trabalhados na aula passada para que recapitulassem quais são as modalidades e o conceito de cada categoria. Todos(as) demonstraram um conhecimento básico de qual era o conceito de cada categoria e as modalidades presentes nelas. Finalizando essa revisão, partiu para o conteúdo dos esportes de invasão.

Dando continuidade nesse método de dar a palavra para os alunos dizerem o que sabem a partir de uma pergunta, a professora fez aos(as) alunos(as) a seguinte pergunta: “Se vocês precisassem explicar para alguém qual é o objetivo/ principais características dos jogos de invasão. Como vocês explicariam?”. Logo em seguida já veio as respostas: Aluna 1: “Tem que invadir o campo do adversário com a bola, ou roubar a bola do adversário para marcar o gol”; Aluno 1: “Tem vários tipos, como no futebol americano, trabalhar em equipe, passar a bola pro seu amigo do seu time e não deixar os adversários roubarem sua bola. E também você precisa entrar no campo adversário e fazer o gol”; Aluno 2: “Tem que pegar a bola e

passar até o campo adversário e fazer gol”. Terminando as respostas, a professora levantou uma observação para a turma que nas respostas eles falaram a todo o momento de “bola”, mas que nem todo esporte de invasão é com bola. Pegando esse gancho, foi passado um vídeo para a classe sobre os esportes de invasão.

No vídeo apresentado, é explicado que esportes de invasão é o esporte que a equipe invade o lado do adversário para finalizar no alvo na tentativa de marcar gol, ao mesmo tempo, precisam defender o próprio campo para não tomarem pontos, além disso, enfatiza que uma das principais características desses esportes é manter a posse da bola ou objeto específico da modalidade, já que para pontuar precisa estar do seu domínio. Alguns dos esportes citados no vídeo foram, o futebol, o basquete, o handebol, o futebol americano, o frisbee, hóquei na grama, rúgbi, futsal, floorball e polo aquático, finalizando o assunto dizendo que todos são jogados em quadras ou campo retangulares, com linhas de profundidades para serem atacadas e defendidas, então, por isso os tornam esportes coletivos. Terminando o vídeo, os(as) alunos(as) acharam estranhos o polo aquático, hóquei na grama, frisbee e o floorball.

CO: Possivelmente podem ter achado estranho esses esportes por não terem vistos anteriormente ou pelo fato de como são jogados. Nenhum(a) aluno(a) comentou o porquê de acharem estranho eles.

Dando continuidade, a professora explicou que será trabalhado os esportes de invasão com a turma de uma maneira diferente do que é visto fora da escola, ou seja, ela irá trabalhar o esporte adaptado para o ambiente escola, utilizando de jogos adaptados, adaptando materiais, regras, formato do ambiente. Porém, relata que não iria começar pelos esportes de invasão tradicionais, e sim por uma brincadeira/ jogo popular, o pique-bandeira. Com isso, explicou que o pique-bandeira tem algumas semelhanças com o futebol, dando alguns exemplos, como a questão de ter que atacar e defender ao mesmo tempo, o campo é retangular, organização no ataque e na defesa, porém no futebol enquanto um time tem a posse de bola para atacar, a outra equipe tem que defender sem a posse da bola, já no pique-bandeira as ações de ataque e defesa são simultâneas por possuir mais de um objeto para o jogo.

Logo após, já falou como funcionaria o jogo, seriam separadas duas equipes, com o objetivo de sair do seu campo e invadir o campo do adversário entrando dentro do “cofre” /Pique (área onde fica os objetos) para roubar o que há dentro dele e levar para o seu campo. Se invadissem o campo do adversário e fosse pego teria que congelar e só voltaria a correr se

alguém do mesmo time salvasse. Não poderia pegar o adversário no campo dele, teria que esperar ele invadir o seu campo para pegá-lo, e não poderia pegar dentro do pique. Mas teria uma adaptação, primeiro começando com o pique-bandeira tradicional e depois o pique-bandeira invertido, onde esse pique-bandeira invertido seria levar os objetos até o pique do adversário, quem levasse primeiro todos os objetos no pique do adversário vence a rodada.

CO: A professora durante toda essa explicação em sala sobre o jogo Pique-Bandeira, usou o quadro “lousa” para desenhar uma quadra e ir explicando para os(as) alunos(as) a atividade.

Partindo para a quadra, local que foi usado para a realização da atividade, os(as) alunos(as) fizeram um aquecimento com alongamentos, não durou mais que dois minutos. Diante disso, a professora Roberta pediu que os(as) alunos(as) formassem equipes equilibradas, dando essa autonomia aos(as) alunos(as) para ver qual seria o resultado. O resultado foi que uma equipe era apenas de meninas e uma equipe apenas de meninos, sendo 11x11. Desse modo, a professora interveio e separou as equipes, equilibrando com base no seu conhecimento do nível de cada aluno(a) e fazendo as equipes mistas em questão de gênero. No final ficou 11 para cada lado.

CO: Na equipe verde ficaram 7 meninas e 4 meninos, e na amarela 6 meninas e 5 meninos).

CO: Duas meninas não participaram da aula, uma por motivo de estar com o braço engessado e a outra por estar passando por problemas de saúde.

Iniciando a atividade, a professora Roberta montou a quadra, em que cada área do futsal tinha a presença de um tatame para que pudessem colocar os cones. No primeiro momento, foi feito o pique-bandeira tradicional, então, usou apenas 1 cone para serem os objetos. Os(as) alunos(as) se posicionaram e começaram a jogar, alguns ficaram protegendo o pique e os outros corriam para congelar o adversário. A equipe amarela ganhou a primeira rodada.

CO: Durante essa atividade (Pique-Bandeira) foi observada uma noção espacial dos(as) alunos(as) referente ao fato de não irem todos juntos um em cima do outro.

CO: Nessa primeira rodada as meninas ficaram mais defendendo o pique do que foi correr atrás de adversários para congelarem. Enquanto os meninos só corriam e não se preocupavam em proteger o pique.

A professora Roberta após finalizar a primeira rodada, chamou a turma e comentou alguns pontos como a questão de ficarem muitas crianças protegendo o pique, que eles podiam criar estratégias, além de estarem deixando de lado o objetivo do jogo que era pontuar, pois não estavam trabalhando em equipe. Assim, partiu para a próxima rodada, nessa rodada foi colocado 3 cones, em que teria que ocorrer mais movimentação das equipes, criação de estratégias e um jogo com uma competição do que a primeira rodada. Ao decorrer da rodada as equipes começaram a interagir mais, houve uma maior movimentação, teve um número maior de congelados e a equipe amarela veio a ganhar.

CO: Nessa rodada as meninas saíram de ficar só na proteção do objeto e foram para o confronto com os(as) adversários(as).

Foi feita uma terceira rodada, e nessa rodada o amarelo ganhou novamente, porém, um aluno da equipe verde também tinha levado o último objeto capturado no campo do amarelo para seu lado. Com isso, começou uma discussão entre os(as) alunos(as) de quem teria ganhado, que esse aluno da equipe verde teria sido pego e estava mentindo que não foi tocado. Logo, a professora Roberta reuniu todos e perguntou para o aluno da equipe verde se ele teria sido congelado, ele comentou que não foi congelado em nenhum momento, com isso, duas alunas que estavam na equipe amarela falaram que esse aluno do verde não teria sido congelado e que realmente a equipe verde tinha ganhado a rodada. Então, terminando a terceira rodada a soma dos placares foi de 2x1.

CO: Foi interessante essa postura das alunas, pois não buscaram trapacear e pensaram em um jogo limpo falando a verdade. Além de cooperar com os seus companheiros de equipe, elas pensaram em cooperar com o decorrer do jogo, para que não perdesse o ritmo que estava sendo seguido, no fato de todos(as) estarem participando felizes, comunicativos e dispostos a ajudarem cada um a sua equipe.

Encerrando a fase que era utilizado apenas três cones, a professora colocou mais três cones de cores diferentes dos que já estavam sendo usados e implementou uma regra. Os

cones amarelos seriam o “Ouro”, valendo 1 ponto para cada captura deles, já os cones azuis seriam o “Diamante”, onde cada cone azul valia 2 pontos. O jogo só terminaria se a professora apitasse ou se todos os cones fossem capturados e uma equipe venceria. Nesse jogo, os(as) alunos(as) já começaram a dialogar sobre estratégias e questão de passar por espaços vazios para chegarem até o objeto. Nos dois times houve bastante comunicação em atrair o adversário para o(a) companheiro(a) invadir o campo, roubar um cone com menor pontuação e ficar se movimentando para atrair o adversário e conseguirem roubar o cone com maior pontuação, até mesmo na fase de defesa houve estratégias de ficarem, por exemplo, 5 crianças na linha de frente e 3 na linha de trás para fazer uma cobertura para esse(a) colega que estava na linha frente.

CO: Na observação de defesa, duas meninas estavam fazendo uma marcação que é conhecida como “cobertura”, uma ficou na linha de frente e a outra ficou logo atrás para ajudar caso o adversário passasse. O interessante foi que elas combinaram isso, trabalhando uma tática grupal se for analisar por esse lado tático.

Encerrando essa rodada, a professora reuniu os(as) alunos(as) e perguntou como eles poderiam atacar o adversário. Um aluno falou para a professora que para atacar teria que buscar o espaço vazio e passar por ele, mais alunos(as) comentaram o fato de dar maior amplitude posicionados na quadra, para fazer a equipe adversária acompanhar essa ideia e induzir ela a abrir espaços para passarem.

Portanto, para acabar a aula, a professora fez a última rodada com o pique-bandeira invertido, então as equipes teriam que levar agora 3 cones para o campo do adversário, então iriam atacar agora com a presença do objeto nessa fase de ataque. A ideia de marcação continuou a mesma, mas o ataque ficou sem objetivo, pois os(as) alunos(as) deixaram de lado o fato de pontuar levando os cones, e ficavam correndo com eles na mão para chamar atenção do adversário, pensando na estratégia feita na rodada anterior. Assim, a professora chamou a turma, comentou esse fato de o objetivo ter ficado como segundo plano nessa rodada e que nos próximos jogos de invasão que serão trabalhados eles terão que ter essa ideia de atacar e pontuar, marcar para não tomar pontos e trabalhar em equipe.

CO: Notei que nesse jogo do Pique-Bandeira, que o coletivo foi fundamental, porém o primordial era a questão da individualidade, então o trabalho coletivamente tinha seus pontos, sua relevância, mas o que iria decidir o jogo era a individualidade do ataque de ter a percepção espacial de como atacar, a

percepção temporal de que horas atacar, além disso tudo, a coordenação motora para conseguir desviar do adversário para ir e voltar para seu campo.

A aula foi finalizada às 13h29 e assim foi feito o segundo dia de coletas.

Diário de Campo 3

Título: Flag Football

Data: 06/10/2025

Horário: 14h15 – 16h15

Educadora participante: Professora Roberta

Participantes presentes: 4° E: 22 alunos; 4° F: 23 alunos

Responsável pelo diário: Evandro Ferreira Simão

No dia 06 de outubro de 2025 foi realizado o terceiro dia da coleta de dados para a pesquisa, acompanhando duas turmas do 4° ano do Ensino Fundamental. A aula foi no período da tarde das 14h15 às 16h15.

Chegando na escola às 13h54, em um dia bem ensolarado e quente, realizei minha entrada na escola pela secretaria onde ocorreu tudo bem e não houve nenhum problema. Entrando na escola fui direto para a quadra poliesportiva, pois a professora estava dando aula para o 2° ano.

Chegando na sala do 4° ano E às 14h16, a professora esperou todos(as) se acomodarem em seus lugares para poder iniciar a aula. Dando início a aula, a professora fez uma recapitulação sobre o conteúdo trabalhado na aula anterior que foi o jogo Pique-Bandeira, enfatizando que é um jogo de invasão e que passou essa atividade para ser uma introdução para o conteúdo que seria abordado no dia de hoje, que é o esporte de invasão Flag Football.

Antes de explicar o Flag Football, a professora perguntou se alguém saberia falar qual a tradução do nome do esporte em inglês. Nenhum(a) aluno(a) soube dizer o que é flag, mas a maioria disse que football é futebol, com isso, a professora abriu o tradutor e pesquisou juntos com eles(as) a tradução de flag que é “bandeira”. Então, a partir desse momento começou contextualizar o que é o esporte e suas curiosidades. Começou dizendo que o Flag Football estará nas olimpíadas de 2028 e depois comparou o Pique-Bandeira com o flag, em que na pique-bandeira invertido que foi feito na aula passada simulava o esporte de hoje, onde no pique-bandeira invertido tinha que levar o cone do campo de defesa para o campo de ataque, invadindo o campo do adversário e entrando na sua área, desse modo, o Flag Football é uma mistura de futebol americano com pique-bandeira.

No Flag Football cada atleta possui uma bandeira presa na cintura e a posse de uma bola, parecida com a de rúgbi. A regra do jogo do flag é você roubar essa bandeira do adversário quando ele está com a posse de bola tentando invadir seu campo. Assim, a

professora continua explicando que no Flag não pode atacar o adversário igual no futebol americano, só para o adversário roubando a bandeira dele, caso ele esteja com a posse de bola. No total são 3 bandeiras, duas nas regiões laterais da cintura e uma na parte de trás.

Diante disso, a professora Roberta explicou que a atividade de hoje seria o Flag Football, porém com algumas adaptações nas regras, na qual os(as) alunos(as) teriam que levar a bola até o campo do adversário desviando, e que poderia trocar passes entre os(as) colegas de equipe para atacar, ou seja, só poderia ser parado pelo(a) adversário(a) roubar o colete que representará a bandeira, tendo como a regra semelhante do flag de interrupção de jogada. Portanto, se seu time tivesse a jogada interrompida pelo adversário, a jogada seria reiniciada. Então, na primeira fase do jogo, seria feito o Flag Football simplificado, com um time realizando o ataque e o outro apenas defendendo, sendo o alvo aquele(a) jogador(a) com a posse da bola. A equipe atacante na regra tinha direito de 3 chances para conseguir atravessar o campo do adversário e pontuar. Algumas regras adicionais foram impostas, como: se deixar a bola cair no chão não haveria punição e caso o time atacante após as três chances não for capaz de chegar até a linha de fundo, iria ocorrer a inversão de função no jogo, onde quem estava defendendo passaria a atacar, e quem estava atacando passaria a defender. A ideia de roubar a bandeira é de interromper a jogada e reiniciar o jogo.

Enfatizando o ataque, a docente comentou que quem está atacando pode pegar a bola e correr para frente tentando chegar no fundo da quadra, mas, invés de apenas correr sozinho(a) pode pegar a bola e realizar o passe para o(a) colega de equipe, pois conseguiria ganhar uns metros a mais. Outro detalhe citado pela professora foi que se percebesse que o(a) adversário(a) fosse roubar sua bandeira (ou rabo, de forma mais lúdica), seria ideal passar a bola para alguém como estratégia.

CO: Essa turma é bem comunicativa no fator de participar da aula, responder as perguntas da professora e tirar dúvidas

Partindo para a atividade na quadra, foi iniciada às 14h29. As crianças formaram um círculo no centro da quadra e realizaram um aquecimento com alongamentos, alongamento os braços e as pernas, algo rotineiro nas aulas de Educação Física. Com isso, a professora reuniu a turma e mostrou os materiais que seriam utilizados na aula, que eram, a bola de vôlei para jogar, a bola de rúgbi para verem qual era a bola utilizada no Flag Football, além de coletes para separar as equipes. Sobre a bola de rúgbi, a professora conceituou que essa bola era do esporte rúgbi, que faz parte do grupo de modalidades presentes no esporte de invasão, além de que, quando joga com essa bola, a maneira ideal de arremessar ela é fazendo movimento de

“girar” jogando para frente e para correr teria que agarrá-la. Encerrando essa breve apresentação, separou 4 equipes mistas, utilizando coletes das cores vermelha, amarela, verde e laranja.

CO: A equipe laranja foi composta por (3 meninas e 2 meninos); verde (3 meninas e 3 meninos); amarela (3 meninas e 2 meninos); vermelha (3 meninas e 2 meninos).

O primeiro jogo foi time verde x vermelho, com o time vermelho iniciando a fase de ataque. As duas equipes iniciaram o jogo de forma espalhada, vermelho perdeu a posse de bola e roubou a bandeira da pessoa do time verde que pegou a bola. O Time vermelho foi quem ganhou o jogo nessa fase em que estava atacando. Já fase de ataque do verde com o vermelho passando para a fase de defesa, o verde não conseguiu ganhar fazendo ponto no fundo, já o vermelho terminou o jogo ganhando de 2x0 por ter invadido o fundo duas vezes.

CO: As duas equipes já entraram para o jogo espalhadas, usando todo os espaços da quadra, seus cantos, suas laterais.

CO: A equipe verde na maioria dos momentos do jogo soube usar bem as laterais e centro da quadra, em que trocavam passes passando pelos três pontos da quadra, ou seja, da lateral direita para o centro e do centro para a lateral esquerda, com isso fez o time vermelho correr mais atrás da bola e se movimentar dando espaços.

CO: A equipe verde relatou que estava sendo difícil marcar o aluno que vinha se destacando no jogo pela equipe vermelha, pois ele é muito rápido e ainda estava usando o drible. Achei interessante essa leitura da equipe de conceituar um fundamento que está presente nos esportes de invasão, que é o drible.

O segundo jogo foi realizado entre equipe amarela x equipe laranja, com a equipe laranja começando o ataque. O amarelo já começou o jogo roubando o colete do portador da bola da equipe laranja, dando reinício ao jogo, porém, não deu muitos minutos e já roubaram pela segunda vez. A equipe amarela demonstrou entendimento rápido do objetivo do jogo e fez a terceira roubada de colete, algo consecutivo. Com isso, a posse de bola para a fase de ataque passou para a equipe amarela e a equipe laranja faria a fase de defesa. O laranja logo

de primeira já roubou o rabo de quem estava com a posse de bola na equipe amarela. Seguindo o jogo, o amarelo conseguiu invadir o campo do adversário e fez 1x0 passando o fundo da quadra. Logo em seguida, já fez o segundo ponto ficando 2x0 no placar.

CO: Todos(as) estavam bem participativos no jogo, realizando comunicações e demonstrando felicidade por estar jogando.

CO: Essa turma demonstrou facilidade em usar os espaços da quadra, cada um ter uma posição na quadra e uma função.

CO: Interessante que foi nítido ver as características de cada um, na qual são distintas e mesmo assim o jogo fluiu e as equipes conseguiu encaixar um modo de jogar respeitando e interligando as características de cada membro do grupo.

Logo após esse segundo jogo, a professora Roberta liberou a turma para ir tomar água e esperou retornarem para conversarem sobre a primeira rodada. Voltando da água, a professora perguntou para os(as) alunos(as): “Pessoal, o que vocês entenderam do jogo? Qual foi a interpretação sobre o que precisa ser feito?”, em seguida, a turma respondeu alguns pontos, como: “trabalho coletivo”; “trabalho em grupo”; “toques de bola”; “usar os espaços da quadra”.

Sendo assim, a professora deu um feedback para a equipe vermelha, na qual disse que eles tinham que criar linhas de passe na quadra, além disso, usar o tamanho da quadra, ficando posicionados um na lateral direita, outro na lateral esquerda, um pelo meio da quadra (centro da quadra), outro mais para a frente.

CO: Importante esse feedback, pois a professora conseguiu ensinar tática coletiva e tática grupal para a turma sem ter que ficar de termos técnicos, sendo de forma demonstrativa, além de enfatizar fundamentos técnicos, como, o passe, o drible.

Na segunda parte da atividade a professora acrescentou mais uma regra que é roubar a bola. Assim, os(as) alunos(as) que estiverem defendendo podem realizar o ataque caso roubem a bola do adversário que está em fase de ataque. Ou seja, quem estiver na fase de defesa, ao pega a posse de bola para sua equipe poderá transitar da fase defensiva para a

ofensiva, que seria uma transição ofensiva, partindo da defesa para o ataque, já quem está em fase de ataque e perder a posse de bola, passará para uma transição defensiva, saindo da fase de ataque e entrando na fase de defesa. Algo que acontece com frequência em jogos de esportes de invasão.

Desse modo, iniciou o primeiro jogo sendo equipe vermelha x equipe verde, com a equipe verde atacando. Nesse jogo uma aluna que estava na equipe verde falou com os(as) colegas do time que estavam juntos demais, muitos próximos, assim ela enfatizou mais de uma vez “estamos juntos, espalha”. Nessa nova regra, quando era feito um ponto, a equipe que tomou esse ponto saía com a posse da bola para reiniciar o jogo. O resultado foi 2x0 para a equipe verde.

CO: As duas equipes mostraram domínio do espaço da quadra, tendo uma boa percepção espacial na questão de se posicionarem, além de uma boa percepção temporal na hora de fazer os passes, as movimentações para serem opções de passes e atacar.

Em seguida, rolou o jogo da equipe amarela x equipe laranja, com a equipe laranja realizando o ataque. O resultado foi de 1x0 para a equipe laranja.

CO: As duas equipes começaram “amontoadas”, muitos próximos uns dos outros, não sabendo usar todo o espaço restante da quadra. Com um feedback da professora Roberta para não ficarem todos(as) juntos(as), se espalharam pela quadra e o jogo rendeu mais.

Finalizando esse jogo, a professora reuniu a turma e perguntou quais das regras eles gostaram mais e por quê. A turma falou que preferiram a segunda regra por deixar os dois times atacarem e defenderem simultaneamente, pois parecia que se jogava mais tempo, e era mais legal de competir. A aula finalizou 15h04.

Indo para a turma do 4° F, a professora entrou na sala e esperou os(as) alunos(as) retornarem aos seus lugares pós intervalo. Assim, ocorreu o mesmo processo do decorrer da aula como foi feito na turma anterior. A professora recapitulou o que foi ensinado na aula anterior, na qual foi o pique-bandeira também como no 4°E, perguntou se já ouviram dizer sobre o Flag Football, se conheciam a tradução. Muitos(as) alunos(as) também só conheciam a tradução de football, que é futebol, já no Flag falaram “N” traduções, como, “basquete?”, “frango?”, mas aí a professora já logo interveio dizendo que a tradução é bandeira.

Sendo assim, falou da curiosidade que o Flag Football estará presente nas Olimpíadas de 2028, sua comparação com o pique-bandeira e suas diferenças referente ao futebol americano. Terminando toda a contextualização e explicando como seria a atividade, na qual teria que roubar a bandeira do portador da bola da equipe adversária, trocar passes, invadir o campo do adversário, liberou a turma para ir à quadra realizar a atividade.

Chegando na quadra, a turma fez aquecimento realizando alongamentos com os braços e as pernas, e logo se sentaram no chão para a professora Roberta demonstrar os materiais que seriam utilizados e contextualizar a bola de rúgbi igual na turma anterior. Logo após, separou a turma em 4 equipes mistas.

CO: A equipe vermelha tinha (2 meninas e 3 meninos); verde (2 meninas e 3 meninos); amarela (3 meninas e 2 meninos); laranja (2 meninas e 4 meninos).

CO: Duas meninas não participaram da atividade.

O primeiro jogo começou equipe amarela x equipe vermelha, na qual a equipe amarela começava atacando. Nesse jogo a equipe vermelha roubou 3 vezes de forma consecutiva os coletes da equipe amarela. Assim, a equipe vermelha passou para a fase de ataque, terminando o jogo com a vitória de 1x0.

CO: As duas equipes estavam bem espalhadas, trocando passes, criando linhas de passes, se comunicando, buscando estratégias.

CO: As duas equipes estavam batendo a bola no chão como se fosse basquete, a professora interveio falando que era para se locomover agarrando a bola.

Iniciando o segundo jogo, foi equipe laranja x equipe verde, verde roubou o colete 2 vezes de forma consecutiva, assim pegando a posse da bola e indo para sua vez de realizar a fase de ataque. Na sua fase de defesa, o laranja roubou também 2 vezes de forma consecutiva os coletes da equipe verde, terminando o jogo no placar de 1x0 para a equipe verde.

CO: Essas duas equipes jogaram amontoadas, não tendo ideia da dimensão da quadra e os espaços que tinham para utilizar.

CO: Mesmo com feedback da professora, continuaram amontoados.

Finalizando esses dois jogos a professora liberou a turma para ir tomar água. E logo que retornassem iria conversar com os(as) alunos(as). Voltando da água, se sentaram na frente da professora, e ela fez a seguinte pergunta: “você mudariam algo no jogo?”, enfatizando a questão das regras, logo um aluno e uma aluna responderam. A aluna falou que “seria interessante pararem de ficar tacando a bola para o alto ou na área que tinha que entrar correndo com a bola agarrada”, ou seja, ela estava falando sobre atacar o fundo. Já o aluno falou de “colocar a regra de iniciar o jogo igual no basquete, as duas equipes iriam disputar a bola no meio com a professora jogando a bola para o alto, e quando um dos times fizerem ponto, a equipe que sofreu esse ponto deveria sair jogando com a posse de bola igual no futebol”. Dessa forma, a professora elogiou as ideias e gostou principalmente da ideia do aluno sobre o modo de iniciar o jogo e sair jogando. Ela falou para ele que seria possível jogar dessa maneira.

Sendo assim, fez a segunda parte igual na turma anterior de poder roubar o colete para interromper a jogada ou roubar a bola e realizar o ataque. Começou jogando a equipe amarela x equipe vermelha com a equipe amarela realizando o ataque primeiro, nesse jogo a equipe amarela ficou mais defendendo, com isso, a professora Roberta disse para o time ir atacar, ir para frente, não ficar parados no próprio campo.

CO: O feedback da professora foi bom, pois a equipe amarela jogou mais livres e ganhou o jogo de 3x1.

CO: As duas equipes tocaram bastante a bola, criaram linhas de passes, variando passes para frente (passes na paralela) e passes para os lados (passes diagonais).

O segundo e último jogo foi da equipe laranja x equipe verde, nesse jogo era esperado que melhorassem na percepção espacial (noção do espaço da quadra) e percepção temporal (saber o momento de realizar o passe), porém, continuaram todos(as) juntos(as) no início, não saindo muitos passes e nem muitas movimentações de ataque. O jogo acabou 3x1 para a equipe verde.

CO: No início começaram aglomerados, porém, de novo a professora deu um feedback, aí conseguiram captar a mensagem da professora e fizeram uso melhor dos espaços da quadra e dos passes.

CO: Essa turma discute mais entre eles, se desentendem mais fácil, brigam bastante.

A aula foi encerrada às 16h15.

Diário de Campo 4

Título: Cesta Humana

Data: 08/10/2025

Horário: 12h35 – 13h25

Educadora participante: Professora Roberta

Participantes presentes: 4° D: 29 alunos

Responsável pelo diário: Evandro Ferreira Simão

No dia 08 de outubro de 2025 foi realizado o quarto dia da coleta de dados para a pesquisa, acompanhando apenas uma turma do 4° ano do Ensino Fundamental. A aula foi no período da tarde das 12h35 às 13h25.

Chegando na escola às 12h18, em um dia ensolarado e com fortes ventos, realizei minha entrada na escola pela secretaria onde fui bem recepcionado e não houve nenhum problema para ser feita minha liberação para frequentar a parte interna. Entrando na escola fui de encontro com a professora Roberta na sala dos professores, pois estava no horário de intervalo/almoço antes do período ser iniciado.

Chegando na sala do 4° ano D às 12h36, a professora esperou todos(as) os(as) alunos(as) se acomodarem na sala para iniciar a aula. Nesse dia foi feito o “dia do cabelo maluco”. Após todos(as) se encontrarem em seus devidos lugares, a professora recapitulou a atividade realizada na aula anterior, que foi o Pique-Bandeira tradicional e invertido, lembrando que o Pique-Bandeira é um jogo, e com isso foi feito na ideia de ensinar os esportes de invasão.

Diante disso, foi dito qual o tema trabalhado do dia, que é o Cesta Humana. Antes de conceituar o jogo, a professora fez um desenho na lousa representando o jogo, onde fez uma quadra dividida em duas partes e 4 equipes, na qual duas equipes se enfrentavam simultaneamente, assim, perguntou com qual esporte o Cesta Humana era parecido, recebendo as mesmas respostas de todos(as) os(as) alunos(as) que o esporte semelhante ao jogo Cesta Humana era o basquete. A turma já conhecia esse jogo porque a professora Roberta já trabalhou essa atividade ano passado quando estavam no 3° ano do Ensino Fundamental. Porém, dessa vez ela buscou trabalhar de novo para ensinar o esporte de invasão basquete. Com isso, a professora explicou que o objetivo era tentar invadir o campo do adversário pelo fato de ser um esporte de invasão, e além de levar o objeto até o campo do adversário como no Pique-Bandeira, mas dessa vez o objeto é uma bola, a turma teria que acertar a bola no alvo, que é conhecida como cesta.

Algumas regras foram impostas pela professora Roberta: inicialmente, quem estiver com a posse da bola não pode andar com ela, mas o resto da equipe pode se movimentar para receber a bola, criar linha de passes, para se desmarcar. Enquanto isso, aos momentos do jogo que for acontecendo trocas de passes, aproximação ao alvo e invasão ao campo do adversário, o time defensor pode se movimentar livremente pela quadra na tentativa de recuperar a posse da bola, mas nesse caso não pode retirar a bola da mão do portador da bola adversário puxando. No basquete é liberado realizar a condução de bola batendo no chão, nesse caso não seria permitido nem conduzir e nem bater a bola no chão. Então, se pegou a bola tem que parar no lugar e fazer o passe para o companheiro de equipe.

Continuando a estruturação das regras, neste momento entrou no assunto relacionado ao alvo, ou seja, o alvo seria um membro da equipe em cima da cadeira segurando um bambolê, e esse(a) colega pode ficar se movendo para auxiliar o(a) companheiro(a) que fosse finalizar a jogada.

Partindo para a atividade na quadra, os(as) alunos(as) fizeram o aquecimento com alongamentos, algo tradicional já na aula de Educação Física na escola, enquanto a professora organizava os materiais que seriam utilizados. Dentre os materiais escolhidos para a prática, foi separadas duas bolas de vôlei pelo fato de serem mais leves e menores, quatro bambolês para serem as cestas, quatro cadeiras para serem a base da criança que fosse fazer a função de cesta e quatro cores de coletes sendo vermelho, verde, amarelo e laranja.

Desse modo, a turma foi reunida no centro da quadra e foi explicado que seriam separadas 4 equipes, em que duas seriam compostas por meninos e duas compostas apenas por meninas, na qual seria meninos x meninos e meninas x meninas. Os meninos ficaram com as cores de coletes verde e vermelha, e as meninas com as cores amarela e laranja. Depois de todo o processo de separar as equipes e montar a quadra, os jogos foram iniciados. A quadra foi separada ao meio, acontecendo os dois jogos simultaneamente.

CO: Uma menina fez parte do time vermelho dos meninos pois estava faltando uma pessoa para compor a equipe.

CO: Uma menina não participou pelo fato de estar com o braço engessado.

De primeiro momento, o lado dos meninos começou desorganizados e amontoados em cima de quem estava com a bola na mão, e o lado das meninas começou mais organizado com elas espalhadas pela quadra e tocando bola, porém, algumas ficaram paradas em um ponto específico do espaço. Com o jogo mais competitivo e “brigado” no sentido de todos(as)

quererem a bola para si na quadra que estavam os meninos, a professora já logo interveio parando e reunindo as duas equipes. Foi conversado entre professora-alunos(as) que era necessário usar mais os espaços da quadra, tocar mais as bolas, lembraram as regras do jogo e com isso retornou o jogo. Já na quadra em que estava jogando as equipes laranja x amarela, compostas só por meninas, o jogo começou bem com as meninas tocando bola, sendo comunicativas, usando todos os espaços da quadra, sendo competitivas, mas de uma forma mais cooperativa e passiva, comparado ao lado dos meninos.

Jogo rolando, após alguns minutos da primeira intervenção do lado dos meninos, veio uma segunda parada para conversar com as duas equipes. Nessa segunda parada a professora Roberta sentou os dois times no chão para conversar sobre o posicionamento no espaço da quadra e sobre os passes. No assunto sobre o posicionamento a professora dialogou com os(as) alunos(as) que era necessário organizarem posições para cada um ficar na quadra, uns pela direita, outros pela esquerda, uns mais pelo centro da quadra, já outros mais a frente ou mais atrás do resto da equipe e assim conseguiriam fazer com que o jogo fluísse e a bola circulasse mais. Já em relação aos passes, enfatizou que eles ficando posicionados sem amontoarem, seria mais fácil aproximarem para criar linhas de passes, realizar passes curtos ou longos, tendo como resultado a percepção do que seria uma linha de passe, a ideia de cada um se posicionar no espaço vazio e o resultado de se desmarcar do adversário.

CO: Mais uma aula em que a professora enfatiza tática e técnica de forma mais simples para os(as) alunos(as) de forma que a didática realizada ficasse clara.

CO: As duas equipes melhoraram no jogo após esse feedback.

Logo após, a professora Roberta teve que fazer o mesmo do lado das equipes que eram compostas apenas por meninas, a professora sentou as duas equipes no chão, fez a mesma explicação que foi passada aos meninos minutos antes e com isso o jogo ficou mais corrido e flexível do lado delas.

Passando uns 15 minutos jogados, houve uma terceira intervenção do lado dos meninos, essa intervenção ocorreu por conta de uma briga entre três alunos. Assim, a professora reuniu as duas equipes, primeiramente para interferir na briga e corrigir as atitudes que tiveram entre eles. Logo, voltou a enfatizar o jogo, posicionou as equipes e foi para a explicação de forma demonstrativa, na qual demonstrou o porquê não dava para ficarem todos amontoados no fato de realizarem o fundamento técnico passe, que não seria possível fazer os

passes com eficácia já estavam muitos próximos. Além disso, simulou uma jogada de progressão ao ataque demonstrando que se houver um posicionamento com mais amplitude na quadra e criando linhas de passes, o jogo fica mais rápido e eles conseguem chegar até o alvo.

CO: Acredito que esse ponto de demonstrar para os alunos posicionamento, pedirem para observarem o antes e depois é crucial, pois a criança aprende observando, tendo um exemplo sendo realizado.

CO: Sobre a intervenção referente ao comportamento indisciplinado dos alunos que brigaram, foi fundamental, pois no jogo é defendido os valores, a cooperação, o espírito de equipe.

Já com as meninas houve uma segunda intervenção, porém somente relacionado às lógicas internas do jogo, que seriam os posicionamentos e os passes (tática e técnica). Com elas, a professora também fez ficarem paradas nos lugares e olharem ao entorno da quadra como estava os posicionamentos de cada uma e o quanto de espaço estava sobrando, com isso, a professora deu a bola para uma aluna, e usando-a como referência organizou a colocação das demais na quadra. Pedindo para olharem novamente nesse formato de organização, a professora simulou um ataque desta maneira para entenderem a ideia do porquê de respeitarem distância da companheira de equipe, compreenderem melhor a criação de linhas de passes, e a desmarcação.

Depois de todo o processo de intervenção, explicar e demonstrar para as quatro equipes os conceitos de posicionamento, desmarcação, passe, linha de passe, a professora liberou um novo fundamento técnico, que foi a condução de bola com o quique no chão. Com esse acrescento, o jogo ficou mais dinâmico, eles(as) conseguiram aplicar tudo o que foi enfatizado pela professora nessas paradas para corrigir e com isso o jogo fluiu.

CO: O fundamento de chute ao alvo não foi citado pela professora pois as 4 equipes estavam realizando de maneira aceitável a partir das suas habilidades técnicas.

Portanto, nos últimos minutos de aula, houve uma nova briga do lado da quadra dos meninos e com isso a professora decidiu acabar a atividade antes e conversar com a turma, falando sobre brigas, que não devem ocorrer, que é importante respeito nos esportes e jogos, cooperação, autonomia para dialogarem e decidirem as coisas, como por exemplo, a alta

reclamação de faltas durante o jogo, além de tudo respeito. Assim, a aula foi encerrada às 13h29.

CO: A atividade não fluiu de uma maneira esperada mais pelo comportamento do que por falta da não compreensão ao jogo.

CO: Uma dificuldade notória foi a dificuldade de percepção espacial durante o jogo, pois, analisando o espaço em que os jogos foram realizados, pode se dizer que foi feito um jogo reduzido.

Diário de Campo 5

Título: Handebol

Data: 13/10/2025

Horário: 14h15 – 16h15

Educadora participante: Professora Roberta

Participantes presentes: 4° E: 20 alunos; 4° F: 24 alunos

Responsável pelo diário: Evandro Ferreira Simão

No dia 13 de outubro de 2025 foi realizado o quinto dia da coleta de dados para a pesquisa, acompanhando duas turmas do 4° ano do Ensino Fundamental. A aula foi no período da tarde das 14h15 às 16h15.

Chegando na escola às 13h56, em um dia chuvoso e meio frio, realizei minha entrada na escola pela secretaria onde fui bem recepcionado e não houve nenhum problema para ser feita a autorização para adentrar na parte interna. Entrando na escola fui de encontro com a professora Roberta que estava dando aula na quadra para a turma do 2° ano do Ensino Fundamental.

Chegando na sala da primeira turma observada às 14h15, que é o 4° ano E, a professora iniciou a aula recapitulando a atividade da aula passada, na qual foi o Flag Football. Alguns alunos e alunas responderam a semelhança do esporte com o futebol americano e Pique-Bandeira, porém, estavam com dificuldade em lembrar o nome da modalidade por ser em inglês e algo novo para a turma. Algumas crianças respondiam “Flaig”, “Fag”, e após a professora perguntar a tradução da palavra “Flag” que a maioria lembrou e respondeu “Flag Football”.

Dando sequência, a professora comentou com a turma que a atividade do dia seria um jogo baseado na aprendizagem do Handebol, ou seja, seria o handebol só que a partir do método jogo, onde seria adaptado os materiais, o alvo, o formato da quadra e o número de jogadores(as) por equipes. Explicando o esporte Handebol, a professora enfatiza que a modalidade é como se fosse um futebol, só que invés de jogar com o pé, se joga com as mãos. Um aluno comentou “Goleiro pode usar o pé para defender”. Assim, foi perguntado para a turma qual era o significado da palavra “Handball”, a turma sem dúvidas respondeu que “Hand” se traduzia a palavra “Mão” e “Ball” traduzia a palavra “bola”.

Dialogando um pouco sobre o esporte, foi dito pela docente que o Handebol autorizava condução de bola realizando toques que resultassem no quique da bola no chão,

porém, deu a informação para a turma que não era vantajoso dependendo da situação realizar essa condução quicando a bola, pois se você está iniciando no esporte, na maioria dos casos não focará nas pessoas e situações que estão ao seu redor, pelo fato de estar olhando apenas para o chão concentrando-se na bola, deixando de olhar para o jogo e ver seus companheiros de equipe se movimentando para receber a bola, ou até mesmo o adversário se aproximando para recuperar a bola que está em sua posse. Com isso, o objetivo do jogo da aula, é um handebol adaptado, em que as regras são as seguintes: 1) É necessário a equipe realizar 10 passes entre os(as) jogadores(as), e após esses 10 passes pode realizar a finalização no alvo presente no campo adversário; 2) Não pode andar com a bola na mão, ou seja, tem que realizar o passe parado; 3) Não pode roubar a bola da mão do adversário; 4) É importante contarem a quantidade de passes que estão trocando entre os companheiros(as) de equipe; 5) Perdeu a bola, recomeça a contagem; 6) Ataque x Defesa de forma simultânea, sem ter fases de só um time atacar e um time só defender; e 7) O alvo não seria uma baliza, mas sim um cone em cima da cadeira.

Partindo para a atividade na quadra, os(as) alunos(as) fizeram o aquecimento com alongamentos, como de costume nas aulas de Educação Física, enquanto a professora organizava a quadra delimitando os espaços que seriam utilizados para o jogo, além dos materiais. Os materiais utilizados foram, cones, coletes, bola de vôlei e 4 cadeiras.

CO: A professora utilizou a quadra em duas mini quadras para fazer jogos simultâneos.

CO: Foi delimitada a quadra anulando a área molhada por conta da chuva, essa parte molhada era uma das laterais.

Desse modo, a turma foi reunida na região próxima da lateral, e foram separadas 4 equipes, duas delas sendo compostas só por meninas e as outras duas sendo compostas apenas por meninos, na qual seria menino x menino e menina x menina. Os meninos ficaram com as cores de coletes azul e amarelo, e as meninas com as cores verde e vermelho. Depois de todo o processo de separar as equipes, explicar que era necessário evitar correr atrás da bola caso fosse parar na região molhada da quadra e posicionar as equipes em cada mini quadra, foi dado o início aos jogos.

CO: A turma toda participou na atividade, sem nenhuma criança ficar do lado de fora.

CO: A equipe verde foi composta por 6 meninas, a vermelha por 5 meninas, a equipe azul por 5 meninos e a equipe amarela por 4 meninos.

Dando sequência aos jogos, foi observado que dos dois lados as equipes começaram de forma desorganizada no fato de todos(as) estavam indo juntos(as) em cima da bola, o foco estava sendo apenas o objeto e não estava tendo a aplicação do objetivo do jogo. Diante disso, primeiro a professora interveio no lado da equipe dos meninos, explicando que era necessário eles se espalharem e utilizarem dos espaços da quadra, não ficando juntos, pois não era possível progredir ao ataque invadindo o campo do adversário dessa maneira e seria complicado realizar trocas de passes sem distância do companheiro. Logo, foi na equipe das meninas e relatou a mesma situação. Continuando o jogo, do lado dos meninos estava um jogo bem competitivo, na qual a equipe azul teve uma maior facilidade para realizar os 10 passes e compreender o espaço da quadra para se posicionarem organizados da maneira que fizesse o objetivo ser atingido. Já do lado das meninas, após a intervenção, a equipe vermelha demonstrou uma melhora na percepção espacial, em usar os espaços vazios e não ficarem juntas, já o verde estava com uma dificuldade de compreender.

CO: As 4 equipes estavam felizes participando do jogo, dando risadas, dando dicas para os(as) colegas.

Logo, em relação a cooperação e respeito as regras, do lado das meninas houve cooperação entre as equipes, respeitando as adversárias que estavam do lado oposto. Porém, no lado dos meninos, dois alunos discutiram por conta de pontuação e regras, assim, a professora interveio reunindo as duas equipes. Na conversa com eles, a professora Roberta falou sobre cooperação, sobre não trapacear, seguir as regras do jogo, pois, a ideia do jogo é respeitar o adversário, respeitar o companheiro da própria equipe, jogar coletivamente, não querer ganhar trapaceando as regras e o objetivo do jogo. Aproveitou e disse para as equipes espalharem pelo espaço vazio e avançarem para o ataque realizando os passes.

CO: A professora busca ensinar tática e técnica para os alunos de forma lúdica, demonstrativa, na qual diz sobre se posicionar em espaço vazio, aparecer perto do(a) colega para receber o passe, encostar no(a) adversário(a) para realizar marcação, sair de perto do(a) adversário(a) para fazer a desmarcação.

Com isso, foi notório as 4 equipes realizando um jogo mais espalhado, usando dos quatros cantos da quadra, fazendo passes de curta, média e longa distâncias. Portanto, a aula encerrou às 15h04.

CO: As quatro equipes foram bem competitivas.

CO: A professora falou bastante em as equipes avançarem quando estão com a bola, para invadir o campo do adversário e pontuar.

Entrando na sala da turma do 4ºF, a aula foi iniciada às 15h27, a professora esperou os(as) alunos(as) se acomodarem em seus lugares pós intervalo. Com isso, deu início a aula recapitulando a aula anterior, que também foi Flag Football, perguntando o que foi feito, um aluno respondeu que a atividade foi do esporte que parece futebol e futebol americano, porém, a professora logo corrigiu dizendo que o Flag Football tem semelhança com futebol americano e Pique-Bandeira. Logo, falou que a atividade da aula seria um jogo com base no esporte Handebol. Explicou que o Handebol é um esporte de invasão e perguntou para um aluno como se jogava, esse aluno disse que era igual futebol só que usando as mãos. Ensinou a tradução da palavra “Handball” igual na turma anterior, na qual “Hand” é “Mão” e “Ball” é “Bola”. Assim, enfatizou que o Handebol é um esporte que tem que invadir o campo do adversário com a posse da bola, trocando passes até se aproximar do alvo, e chegando próximo do alvo finalizar ao gol. Já sem a posse da bola, a equipe deve defender o alvo e recuperar a posse da bola o mais rápido possível.

Desse modo, explicou as regras do jogo que foram usadas as mesmas da turma anterior. Com isso, liberou a turma para ir até a quadra para realizar o jogo.

Chegando na quadra, o jogo já estava montado e os materiais separados. A turma realizou o aquecimento com alongamentos, como de costume nas aulas de Educação Física. Foram separadas 4 equipes, na qual duas equipes foram só de meninos, uma equipe foi mista e uma só de meninas. De um lado da quadra jogou as duas equipes compostas por meninos, e do outro foi a equipe mista versus equipe composta só por meninas.

CO: A equipe verde foi composta por 6 meninos, a azul por 6 meninos, a vermelha por 4 meninas e 2 meninos, e a laranja por 6 meninas.

As quatro equipes começaram amontoadas, todos(as) jogadores(as) indo em cima da bola, visando apenas o objeto. Com isso, a professora interveio unindo primeiro as equipes do lado das meninas, na qual foi recapitulada as regras, principalmente a de não retirar a bola das mãos dos adversários e de não poder sair correndo com a bola, além disso, disse que era necessário espalharem pela quadra para que conseguissem trocar passes, avançarem para o campo adversário completando os 10 passes e finalizar no alvo. Logo, encerrando esse feedback com as meninas e os dois meninos presentes em uma das equipes, a professora reiniciou o jogo com essas equipes e foi conversar com o lado em que era as equipes dos meninos. Com eles a professora conversou os mesmos pontos levantados no feedback com as duas outras equipes, assim, reiniciou também o jogo deles. Após esse feedback as quatro equipes demonstraram uma melhora nas ações, usando os espaços oferecidos pela quadra, realizando movimentações e bastante troca de passes.

CO: Todos(as) estavam felizes até metade do tempo de aula, até que na reta final da aula começou ficar um clima de disputa e briga, na qual os dois lados começaram discutir bastante entre as equipes que estavam jogando contra, e até mesmo dois meninos foram um para cima do outro para brigarem.

Com isso, a professora interveio e encerrou a aula minutos antes, finalizando às 16h13. A professora levou a turma de volta para a sala e conversou sobre o comportamento deles(as), e pediu que refletissem e na próxima aula iriam conversar sobre o que eles refletiram e o que fizeram de errado.

Diário de Campo 6

Título: Avaliação e Futebol

Data: 20/10/2025

Horário: 14h15 – 16h15

Educadora participante: Professora Roberta

Participantes presentes: 4° E: 24 alunos; 4° F: 24 alunos

Responsável pelo diário: Evandro Ferreira Simão

No dia 20 de outubro de 2025 foi realizado o sexto e último dia da coleta de dados para a pesquisa, acompanhando duas turmas do 4° ano do Ensino Fundamental. A aula foi no período da tarde das 14h15 às 16h15.

Em um dia ensolarado e com muita ventania, cheguei na escola às 14h00 e fiz minha entrada pela secretaria, na qual fui bem recepcionado e não houve nenhum problema para autorizarem minha adentrar-se na parte interna do local. Dentro da escola, fui de encontro com a professora Roberta que estava dando aula na quadra para a turma do 2° ano do Ensino Fundamental.

Chegando na sala da primeira turma observada às 14h16, que é o 4° ano E, a professora iniciou a aula recapitulando a aula anterior em que trabalham o jogo “mãe da rua” para a vivência do esporte Futebol. Após a recapitulação, a professora avisou a turma que no dia de hoje seria feita uma avaliação do conteúdo de esportes de invasão. A prova seria composta por 3 questões, em que 1° questão seria de verdadeira ou falsa, a 2° questão era para citar 3 semelhanças dentro dos esportes Futebol e Basquete, e a 3° e última questão seria uma autoavaliação dos(as) alunos(as) referente ao comportamento e a participação nas atividades ao decorrer do bimestre. Com isso, foi explicado essa atividade avaliativa valeria nota e era um modo de avaliar o desempenho da turma dentro do assunto.

Cada aluno(a) teve que destacar uma folha do caderno para realizar a atividade, a proposta da professora foi da seguinte maneira: a 1° questão que era de verdadeiro ou falso, contendo questão de 1 até 8, os(as) alunos(as) não tinham que copiar essas 8 questões, apenas teriam que enumerar e colocar (V) para verdadeiro e (F) para falso; na 2° questão a professora pediu que os(as) alunos(as) copiassem; e na 3° e última teriam que copiar enquanto ela ditava as perguntas.

Durante a prova começou surgir algumas perguntas de dúvidas da turma. A primeira pergunta veio de dois alunos, na qual fizeram em intervalos diferentes, porém era idêntica,

onde perguntaram “Professora, o que é simultaneamente?”, logo, a professora induziu a turma toda responder o significado, com todos(as) falando “Significa ao mesmo tempo”. Passando um tempo dessa primeira pergunta, surgiu uma nova dúvida, um aluno perguntou “Professora, todos os esportes de invasão têm bola?”, a professora respondeu, “Não”. Assim, continuando a resolução da prova, um outro aluno perguntou de forma afirmativa para a professora, “Professora, autoavaliação é avaliar-se né?”, a professora confirmou dizendo que sim. Chegando na 3ª questão da atividade avaliativa, a professora Roberta quis fazer de forma simultaneamente com a turma, para logo corrigem pelo menos essa questão coletivamente. Foram 5 perguntas dentro dessa questão em que era a autoavaliação do comportamento e desempenho nas atividades realizadas em aulas, a cada pergunta a resposta teria que ser “Sim” ou “Não, porém, uma aluna perguntou, “Professora, pode ser mais ou menos?”, a professora disse que sim e logo falou coletivamente, “Turma, acrescenta na 3ª o “as vezes” também, então vocês podem responderem que sim, não ou as vezes”.

Com isso, a turma finalizou a atividade e a professora corrigiu ali no momento a 3ª questão, se o(a) aluno(a) respondesse em pergunta que “SIM”, essa pergunta valeria 2 pontos, se ele(a) respondesse que “AS VEZES”, valeria 1 ponto, e se a resposta fosse “NÃO”, a perguntaria tirar um valor de 0 pontos. Todos(as) demonstraram seriedade nas respostas e o percentual de pontos da turma nessa atividade ficou entre 6 e 9.

Desse modo, foi finalizada a aula com a turma entregando a folha de respostas e indo para o intervalo.

Avaliação sobre esportes de invasão

1. Preencha com V (verdadeiro) ou F (falso):

- () Nos esportes de invasão o ataque e a defesa acontecem simultaneamente.
- () Futebol e voleibol são esportes de invasão.
- () Os esportes de invasão têm como objetivo invadir o campo do adversário para atingir seu gol, cesta ou outra meta.
- () O handebol é um esporte jogado com os pés.
- () Em todos os esportes de invasão é preciso acertar o gol para vencer.
- () Flag football e basquetebol são esportes de invasão.
- () Nos esportes de invasão os adversários não podem atrapalhar as ações da equipe atacante.
- () Os esportes de invasão são modalidades individuais.

2. Cite 3 semelhanças entre o futebol e o basquetebol.

3. Autoavaliação (cada SIM vale 2 pontos)

1. Você cooperou com sua equipe tentando atacar o alvo do adversário e protegendo o próprio alvo de vocês?
2. Durante o ataque se posicionou nas lacunas e espaços sem marcação para receber a bola livremente e avançar com seu time ao realizar a troca de passes?
3. Quando estava sem a posse de bola, procurou defender seu alvo e roubar a bola do adversário?

4. Se comunicou com seu time ou orientou seus parceiros durante a partida?
 5. Respeitou as regras dos jogos e seus adversários jogando com justiça e honestidade?

Resultados:

2 pontos: Cuidado! Preste mais atenção e procure seu professor ou seus colegas caso tenha alguma dúvida! Nós estamos aqui para te ajudar!

4 pontos: Fique alerta! É preciso se dedicar mais para evoluir. Mas não desanime! Você tem muito potencial!

6 pontos: Você está no caminho certo, mas ainda há muito para melhorar! Se dedique mais um pouquinho! Esse é o segredo para a evolução!

8 pontos: Muito bem! Você atingiu os objetivos parcialmente. Seu desempenho é satisfatório! Redobre a atenção para corrigir pequenos erros e alcançar sua nota 10!

10 pontos: Parabéns! Você alcançou os objetivos propostos!! Use sua experiência para ajudar seus colegas a evoluírem como você!

Fonte: Perguntas realizadas pela Professora Roberta na Avaliação.

Partindo para a segunda turma do dia, na qual seria o 4º F, a aula foi iniciada às 15h30, a professora esperou todos(as) se acomodarem em seus lugares após o intervalo. Com isso, recapitulou a aula anterior, em que o conteúdo proposto foi o esporte Basquete, mas realizando como atividade o jogo da Cesta Humana, que era uma adaptação do Basquete em forma de jogo.

Assim, falou que o conteúdo do dia seria o futebol, porém, não seria o futebol praticado fora da escola, como é visto na televisão, a atividade para a vivência dos fundamentos da modalidade seria o jogo “Mãe da Rua”. Então, o objetivo do jogo era buscar a melhora dos(as) alunos(as) com a bola no pé, o domínio do objeto de jogo. Enfatizando a atividade, seriam separadas 4 equipes, cada equipe passaria pela vivência de ser a “mãe da rua”, na qual seria representando os defensores do futebol, esses defensores ficariam posicionados em cima das linhas amarelas da quadra de vôlei de mão dadas formando duplas, e as demais equipes seriam os atacantes, cada atacante teria um número para ser representado, ou seja, se a professora chamasse o número “1”, todos(as) alunos(as) que eram representados por esse número, escolhia uma bola e conduziria a bola até o outro lado da quadra driblando as “mães da rua”. Se os atacantes passassem pelos defensores chegando até a calçada, teriam que voltar conduzindo a bola com os pés pelas laterais da quadra até o ponto inicial do jogo. Caso fosse roubada a posse de bola, esse(a) aluno(a) que perdeu a bola, reiniciava o jogo do início. O jogo foi composto por 3 fases: 1º Fase – a mãe da rua fica parada igual um cone, em estátua; na 2º Fase – movimentações laterais em cima da linha amarela; e a 3º Fase – duplas de defensores x duplas de atacantes, em que os atacantes teriam que trocar passes para progredirem e chegarem até a calçada.

CO: Analisando o jogo como um todo, a professora trouxe fundamentos do futebol, como, o passe, drible, marcação, condução de bola, junto com tática individual em que o atacante teria que tomar uma decisão de confronto em desvantagem numérica, e a tática grupal dos defensores em vantagem numérica diante do atacante.

Chegando na quadra, não houve o aquecimento padrão das aulas de Educação Física, pois a professora escolheu ir direto para a atividade. A turma foi separada em 4 equipes, a equipe preta foi composta por 5 meninas, a equipe azul composta por 6 meninos, a equipe vermelha 6 meninos e a equipe amarela 5 meninas. Os materiais utilizados foram, coletes, bola de futsal, handebol e basquete.

CO: Uma aluna não participou, porque não quis.

Iniciando a 1º fase, a equipe vermelha que começou como “mães da rua” e partiu de uma sequência de preta, azul e amarela, pois todas as equipes tinham que vivenciar tanto a fase de defesa, quanto a fase de ataque. Nessa primeira fase nenhuma equipe demonstrou dúvidas diante da proposta da atividade.

CO: De primeiro momento todas as crianças demonstraram um domínio básico de controlar a bola com pé, deixando-a próxima na condução e driblando as mães da rua.

CO: Todas as crianças estavam felizes em estarem participando.

Indo para a 2º fase, em que as “mães da rua” poderiam se movimentar lateralmente, manteve a sequência das equipes, porém, alguns alunos se perderam um pouco na ideia de se movimentar lateralmente e começaram andar para a frente, porém, eles mesmos se corrigiram e não precisou de uma intervenção da professora.

CO: Nessa segunda fase foi notório uma maior dificuldade no controle da bola próxima aos pés, e uma maior dificuldade em aplicar o drible e desviar dos defensores. Algumas crianças invés de ir tentar driblar e deixar a bola perto do pé, preferiram chutar ela para frente e correr atrás.

Indo para a 3º fase restando apenas alguns minutos, só dois alunos conseguiram executá-la, que era a formação de duplas no ataque e teriam que passar das mãos da rua tocando a bola e se movimentando longe delas para receber o passe, ou seja, já era partindo para a ideia de desmarcação, encontrar um espaço vazio e criasse linha de passe. Para eles a professora falou que não era vantajoso ficar atrás das mãos da rua para receber a bola, pois o passe seria interceptado e as mãos da rua tomariam posse da bola. Portanto, após eles finalizarem de atravessar a rua, deu o sinal de troca de aula e o resto da turma não realizou a terceira fase, mas, a professora combinou com eles(as) que na próxima aula iriam terminar a atividade de hoje a partir da 3º fase.

A aula foi encerrada as 16h17.

APÊNDICE D – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Tema: O ensino dos jogos de invasão nas aulas de Educação Física de uma professora inovadora nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Data: 16/10/2025

Entrevistador: Boa tarde professora, hoje é dia 16 de outubro de 2025, horário de Brasília 12h43, e estamos realizando nossa entrevista para colaborar com a pesquisa de monografia.

Professora: Boa Tarde.

Entrevistador: A primeira pergunta que eu gostaria de fazer para a senhora é, qual sua opinião sobre a classificação dos esportes adotada pela BNCC e o Currículo Paulista, e como você costuma planejar sua prática pedagógica para o ensino dos esportes de invasão?

Professora:

Bom, é uma classificação que do meu ponto de vista é adequada. Eu tive contato com ela bem antes da homologação da BNCC e do Currículo Paulista, quando eu ainda estava em formação na própria graduação. Eu me adaptei bem e acredito que os alunos também, a aceitação está sendo boa. Quando cheguei aqui na escola, em 2014, os anos iniciais da rede estadual não tinham um currículo oficial para as aulas de Educação Física. A gente formulava os planos de ensino baseados nos documentos nacionais como, por exemplos, os PCN's. Então, faltava algo para preencher essa lacuna, inclusive em relação ao ensino dos esportes. Finalmente, depois de anos de espera, a BNCC e o Currículo Paulista vêm de encontro a essa necessidade, dando o norte que faltava, inclusive em relação às aprendizagens essenciais sobre os esportes.

Em relação ao planejamento, eu procuro seguir sempre aquilo que o currículo paulista e a BNCC propõem. Por exemplo: nos primeiro e segundo anos a gente trabalha com esportes de marca e esportes de precisão. Aí, na sequência, no terceiro ano a gente trabalha com esportes de invasão e esportes de campo e taco. No quarto ano, esportes de invasão e esportes de rede e parede e, no quinto ano, os esportes de rede e parede e os esportes também de campo e taco mais uma vez. Em todos os anos, no início do quarto bimestre, eu procuro

apresentar para eles a classificação dos esportes como um todo; apresento as sete categorias que fazem parte dela e aí depois a gente procura focar nas duas categorias que são abordadas com mais ênfase nesses últimos meses de cada ano. Nos bimestres anteriores, também são trabalhados os esportes de combate e os esportes técnico-combinatórios, mas eles não são apresentados com esses termos. Os esportes de combate são apresentados sob o nome de Lutas e os esportes técnico-combinatórios são contemplados com a Ginástica Geral, que não é uma modalidade competitiva, mas que tem semelhanças com aquelas que são. Então, a gente também aproveita para contextualizar a presença dessas duas categorias na classificação dos esportes e introduzir as novas categorias que serão trabalhadas no último bimestre.

Planejando a sequência didática dos esportes de invasão, eu pensei inicialmente no Pique-Bandeira porque é um jogo que já faz parte do cotidiano deles, que eles já jogaram aqui na escola nos primeiros meses do ano e que costumam jogar com frequência até nas recreações que eles participam. E, a partir desse jogo, ir acrescentando regrinhas que vão ser cobradas na aula futura, na aula seguinte. Então, na primeira aula, por exemplo, eles começam com o Pique-Bandeira da forma tradicional, tentando roubar o cone. E aí, depois, mais para o final da aula, ao invés deles roubarem o cone, eles têm que levar o cone até a área do time adversário. E essa tarefa já é uma tarefa que está relacionada ao flag football. Então, já daria para fazer esse link, essa ligação entre a primeira aula e a segunda. E isso também tento procurar fazer nas aulas seguintes.

Em algumas delas, eu deixo, por exemplo, que eles avancem correndo com a posse da bola assim como no flag football, porém, só batendo bola no chão como acontece no basquetebol e no handebol. E aí já trabalha um pouquinho da técnica, do drible e da batida de bola. Porém, em outros momentos, eu percebo que bater bola no chão, acaba tirando o foco principal da aula, que seria a tomada de decisão, o posicionamento na quadra, a leitura de jogo. Então, quando eu vejo que bater bola no chão acaba prejudicando o objetivo principal, eu procuro mudar a regra. E aí eles passam a jogar fixos com a bola na mão, enquanto os outros podem se movimentar. Mas, de forma geral, não só pensando nos esportes de invasão, mas também pensando nos outros conteúdos que eu trabalho, sempre procuro começar por um jogo que eles já conhecem, que já faz parte do repertório deles e depois ir acrescentando regras novas e também ir retomando regras que já foram usadas em aulas anteriores aos jogos novos que a gente vai fazendo. Sempre tentando pensar em forma de espiral. Então, apresentar conteúdos novos, jogos novos, mas também tentando usar uma regra ou alguma aprendizagem que aconteceu na aula anterior e que pode ser proveitosa para a aula seguinte ou para a aula que está sendo realizada.

Entrevistador: Na segunda pergunta eu vou com base nas observações que eu fiz na sua aula, na qual notei que para iniciar ela você faz uma conceitualização do tema planejado para aquele dia dentro da sala e logo depois de conceitualizar você vai para a quadra realizar uma vivência com os alunos, aí eu gostaria de saber se todas as aulas são nesse formato de conceitualizar primeiro e depois realizar uma vivência ou se há um outro formato de intervenção que você gosta de utilizar e qual é o resultado que você vê nesse tipo de formato que implementa?

Professora:

Bom, é um formato que eu uso em todas as aulas, independente do conteúdo. Então, em todos os anos, eu sempre procuro começar a aula retomando o que foi feito na aula anterior, para tentar reforçar um pouquinho as aprendizagens e fixar o conteúdo. Às vezes, eu também não consigo finalizar a aula anterior como gostaria, ouvindo mais os alunos, fazendo uma roda de conversa e uma reflexão sobre as ações que aconteceram ao longo da aula.

Então, a gente sempre acaba refletindo e retomando o que aconteceu na aula anterior nesse primeiro momento. Aí sim, depois, eu procuro contextualizar com eles o que a gente vai fazer em quadra, combinar também as regras e deixar bem claro o que a gente vai fazer lá fora, para que chegando em quadra, eles já tenham consciência do que vai ser feito e para também tentar responder as expectativas. Eu percebo que quando eu chego eles ficam bastante ansiosos. Às vezes, eu ainda estou explicando algo e já tem criança batendo pé no chão, já tem criança arrastando cadeira, tamanha ansiedade para irem na quadra. Mesmo assim, eu prefiro realizar esse momento inicial em sala, porque eles estão em teoria mais concentrados, cada um no seu lugar e isso evita um pouco a conversa e a distração. Às vezes eu faço uso da lousa, o que não é possível lá na quadra, e também uso do computador e da TV. Então, aproveito esses recursos para fazer essa contextualização e depois ir para a quadra, mas é algo que eu faço em todos os conteúdos, independente do ano.

Professora: Qual que era a segunda parte da pergunta?

Entrevistador: Qual que é o resultado visto nesse formato que é usado?

Professora:

Eu acho que é satisfatório, pelo que eu tenho observado até aqui eu acredito que seja satisfatório, pelos motivos que eu disse até então. Por mais que eles estejam ansiosos para ir para a quadra, a gente muitas vezes ganha tempo, porque dentro de sala eles dispersam muito

menos na hora da explicação do que eles dispersariam se estivessem lá fora. Então, a aula acaba rendendo mais e sendo um pouco mais produtiva. O que me frustra muitas vezes é que eu acabo gerindo o tempo com uma certa dificuldade. Às vezes demoro um pouco além do previsto na sala para essa parte inicial e aí depois eu tento compensar na parte prática lá da quadra. E tentando fazer essa compensação, às vezes eu deixo extrapolar muito tempo e aí não dá para finalizar a aula como eu gostaria, com uma parte mais reflexiva. Às vezes, por exemplo, eu gostaria de ouvir bem mais os alunos do que eu tenho oportunidade de ouvir justamente por causa dessa gestão do tempo. Então é algo que por mais que eu disse que é satisfatório, eu ainda desejo melhorar.

Entrevistador: Entendi, aí eu observei algumas outras coisas também que você fala, não separa/ deixando lado as ideias de esporte e jogo, mas sempre procura explicar os dois. Qual é a sua ideia de falar o esporte para o aluno e enfatizar o jogo que vai ser trabalhado na aula? Você acha que é uma maneira mais fácil deles entenderem o que está sendo dito ali? Qual é a sua ideia sobre jogo?

Professora:

Acho que não dá para falar de esporte sem falar do jogo, porque todo esporte é uma forma de jogo, mas nem todo jogo é um esporte também. Então eu acho que os dois têm uma ligação muito forte. Por mais que pareça cedo contextualizar para eles que o jogo é diferente do esporte, é importante a gente introduzir nessa ideia porque eles também vão ser cobrados nos próximos anos, nos anos finais e no ensino médio. Então sempre procuro dizer para eles que o jogo é muito mais parecido com uma brincadeira, é algo mais flexível, é algo mais lúdico, mais recreativo. Mas isso não quer dizer que seja sinônimo de bagunça, de uma brincadeira descontextualizada. Pelo contrário, ele serve para a gente aprender o esporte em si, mas dentro da escola, o esporte da escola e não o esporte na escola. O esporte da escola tem adaptações em relação às regras, em relação ao espaço, inclusive muitas vezes regras propostas pelos próprios alunos. Agora o esporte na escola já seria um esporte que é uma reprodução daquilo que acontece fora daqui e que muitas vezes não atende aos nossos objetivos. O esporte é algo mais rígido, é algo que é regido por várias instituições. Então, para o ambiente escolar a gente tem que procurar adaptar aquilo que está fora para as nossas condições de aprendizagem e também para a idade, para a faixa etária do aluno, para as habilidades e competências que são necessárias para cada ano. E aí eu tento deixar isso claro para os alunos. Que a gente vai aprender o esporte, por exemplo, os esportes de invasão, mas

não reproduzindo o esporte que eles assistem fora daqui ou que praticam fora daqui, mas fazendo jogos recreativos que se parecem com esses esportes e que vão sofrer adaptações para que eles possam aprender de acordo com as habilidades e as competências que são previstas para eles.

Entrevistador: Entendi. E em algumas aulas eu vi que teve separação dos jogos de menina contra menina e menino contra menino. Qual que seria a sua ideia nessa divisão?

Professora:

Nos momentos que isso aconteceu, eu deixei que eles se dividissem. Geralmente isso acontece. Geralmente os meninos gostam de competir contra os meninos e as meninas contra elas. Sempre que eu mesma faço a divisão, eu procuro mesclar. Mas ainda é difícil fazer com que eles adotem a ideia espontaneamente. Se eu deixar livre, deixar que eles escolham, sem colocar nenhuma exigência, isso sempre acontece. Menino contra menino, menina contra menina. E às vezes eu até deixo que eles escolham os times, mas eu deixo claro antes: vocês podem escolher, mas eu quero times mistos. Aí sim, eles montam os próprios times, porém mesclando os dois gêneros.

Entrevistador: Vamos para a terceira pergunta então. Eu gostaria de saber quais são os principais desafios que você enfrenta ao trabalhar com jogos ou esportes de invasão na escola?

Professora:

O principal desafio ainda é a insistência deles em jogar sempre futebol. Eles focam muito no futebol, principalmente os meninos. Então, geralmente quando eu pergunto qual o esporte de invasão que eles conhecem, a primeira resposta que vem sempre é o futebol. E essa é uma luta que eu tenho desde que eu me entendo por professora e desde que eu comecei a trabalhar aqui. Logo no primeiro ano, a molecada sempre pede para jogar futebol porque é algo que acontece às vezes em outra escola ou que às vezes acontece nos momentos de recreação deles. E querendo ou não, é o esporte mais popular do país. Eu até digo para eles que eu sou amante do futebol e que se eu pudesse eu daria futebol o ano inteiro. Se fosse pelo meu gosto, pelas minhas preferências, só trabalharia com jogos de invasão. Mas desde o primeiro ano, a gente tenta trabalhar com eles que a educação física não se limita só a jogos de invasão, os tradicionais, futebol, basquete e handebol. E que além de não se limitar aos esportes de invasão e ao futebol, tem muitas outras práticas que fazem parte da educação

física. E que é preciso trabalhar para que fora daqui eles possam usufruir do conteúdo e praticar sozinhos com autonomia e independência. Então eu acho que o principal desafio talvez seja esse. Tentar superar essa preferência, esse foco que eles têm no futebol. E aí o nosso trabalho vem de encontro a isso. Porque às vezes eles só pedem futebol porque eles só têm contato com futebol fora daqui. Então o professor de educação física também tem essa missão de apresentar outras práticas corporais e inclusive outros esportes de invasão para que eles aumentem o repertório motor deles e conheçam outras práticas que não são tão populares, mas que também podem ser tão prazerosas quanto o futebol e tanto quanto os esportes de invasão.

Entrevistador: Em relação a materiais, a estrutura da escola, tem algum desafio nessa parte?

Professora:

Em relação a material e estrutura, a gente não tem o que se queixar aqui. Porque é uma escola que tem uma quadra muito boa, tem materiais que a gente tem à disposição de boa qualidade e em grande número também. Então não é uma dificuldade que a gente encontra aqui na escola. Às vezes o que incomoda é que a gente tem que dividir a quadra. Então apesar de ser uma escola que é bastante grande em relação ao número de turmas e alunos, o espaço em si é pequeno. O único lugar que a gente tem para trabalhar as aulas práticas de educação física é a quadra. Não tem, por exemplo, um gramado ou outro ambiente ao ar livre que a gente possa trabalhar. Então quando choca o horário de dois professores de educação física, a gente precisa dividir a quadra. Quando isso acontece já não dá para trabalhar com jogos reduzidos com quatro times ao mesmo tempo. O barulho às vezes acaba atrapalhando também e não dá para orientar os alunos como a gente gostaria. Então é um problema que se não existisse facilitaria o nosso trabalho, mas ele também não impede que a gente trabalhe.

Entrevistador: Entendi. Então partindo para a quarta pergunta, se você gostaria de fazer algum complemento que considere importante sobre o seu planejamento e o ensino dos jogos de esporte de invasão nos anos iniciais do ensino fundamental?

Professora:

Acho que a gente sempre tem algo para melhorar. Então o que eu tenho observado, por exemplo, é que na sequência desse ano faltou trabalhar um pouquinho com os alunos, mesmo que de maneira bem breve na forma de citação ou de curiosidade, a história ou a origem dos esportes de invasão que eu estou usando como base para os jogos pré-esportivos. Eu usei o

futebol, o basquete, o handebol e o flag football como referência para os jogos e seria importante citar pelo menos brevemente a história ou origem deles no início das aulas. Se eu pudesse, também acrescentaria talvez duas ou três aulas a mais na sequência didática. Por exemplo, uma sobre a lógica externa, porque eu trabalhei sobre a lógica interna durante a sequência toda, mas às vezes surgem algumas situações durante as aulas que vão além do jogo ou que está repercutindo na mídia e nas redes sociais e que está na boca dos alunos e que a gente pode aproveitar para trabalhar com eles. Há pouco tempo atrás teve o caso de racismo num jogo de futebol, do Palmeiras. Na ocasião, eu usei esse acontecimento para discutir com os alunos o racismo no esporte e na sociedade, ou seja, trabalhar um pouco da lógica externa.

Em relação à sequência sobre jogos de invasão, em várias aulas eu falei para eles que eles estão mais preocupados em acusar que o adversário roubou, que está tendo trapaça, que foi falta e ninguém marcou do que com o jogo em si. Eles gastam muito tempo discutindo sobre a questão de trapaça e jogo leal, jogo limpo, do que discutindo e refletindo sobre as estratégias que eles estão usando durante os jogos, o que eles poderiam melhorar em relação a isso, enfim. Então eu acrescentaria, por exemplo, uma aula sobre fair play, jogo limpo. Porque é algo que está relacionado aos esportes de invasão, que poderia melhorar o desempenho deles e que também há em outras práticas corporais e que vai além do esporte e da aula de educação física. A questão do jogo limpo, da honestidade, do fair play é algo que eles podem levar para a vida toda e que faz parte da lógica externa. E talvez acrescentaria mais uma aula sobre futebol. Porque é um pedido que eles fazem o ano todo e eu deixo para trabalhar justamente com os esportes de invasão. Então, já que é um pedido deles, eu acrescentaria mais uma aula sobre futebol. E não só pelo fato de ser um pedido e um desejo deles, mas também porque eles têm muita dificuldade com tarefas realizadas com os pés. Então, eu já tentaria unir o útil ao agradável. Já que eles tanto pedem, acrescentaria por ser um desejo deles e também para trabalhar um pouquinho mais essa questão da técnica e da habilidade com os pés.

Entrevistador: Entendi. Só queria saber uma coisa sobre quando é trabalhado jogos tradicionais, os esportes tradicionais, que é o quarteto fantástico, handebol, futebol, basquete, pensando nos esportes de invasão. E quando é apresentado um esporte que não está nesse tradicionalismo. O que você acha da participação e da reação dos alunos? Você acha que consegue desencadear uma curiosidade a mais neles? Qual é o interesse deles quando fogem desse tradicionalismo?

Professora:

Apesar de, desde pequenininhos, desde o primeiro ano, eles gostarem muito de futebol e pedirem o tempo todo, eles são bastante receptivos com qualquer outra atividade. Então, qualquer outra atividade que seja na quadra, eles aceitam prontamente, porque o que eles não gostam é de ficar na sala. Mas, em geral, eles gostam bastante de jogos e brincadeiras. A maior resistência que eu enfrento é quando eu vou trabalhar com dança e brincadeira rítmica. Mas isso acontece entre os alunos mais velhos, talvez pela timidez ou porque eles estão se aproximando da adolescência. Mas nos anos iniciais, em relação a outros conteúdos, eu nunca enfrentei problema quando eu saí da questão dos esportes mais tradicionais. Porque são crianças, e as crianças, por si só, gostam de brincar. E como a aula de Educação Física tem esse ponto positivo de poder ensinar por meio do jogo, da brincadeira, eles sabem que têm a oportunidade de aprender brincando. Então, de qualquer forma, a aula acaba sendo prazerosa, mesmo que a gente não trabalhe com apenas os esportes mais tradicionais. Então, eles são receptivos, eles topam tudo, topam até demais. Inclusive, às vezes, a gente apresenta para eles algo que eles nunca jogaram e que eles não faziam ideia que pudesse ser tão legal quanto o futebol ou o basquete, como aconteceu no flag football, que a gente tentou adaptar para o ambiente escolar e que eles aceitaram prontamente e até curtiram a atividade.

Entrevistador: Bom, gostaria de acrescentar mais algo?

Professora:

Não, acho que não.

Entrevistador: Ah, então, são essas as quatro perguntas. Agradeço desde já a sua participação, e posso ter certeza que vai contribuir bastante para esse projeto que está sendo estruturado.

Professora:

Bacana, legal. Vai ter bastante coisa para escrever.